



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO
TOCANTINS
CAMPUS PALMAS

CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS

KAREN FERNANDA DE MORAIS ALMEIDA SILVA

FLORBELA ESPANCA: O AMOR ALÉM DA DOR

Palmas
FEVEREIRO/2019

Silva, Karen Fernanda de Moraes Almeida

Florbela Espanca: o Amor além da Dor / Karen Fernanda de Moraes Almeida – Palmas, 2019.

58f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras-Língua Portuguesa) – Instituto Federal de Educação do Tocantins, Campus Palmas, 2019.

Orientadora: Prof. Dra. Sylmara Barreira

1. Literatura Portuguesa 2. Florbela espanca I. Título

KAREN FERNANDA DE MORAIS ALMEIDA SILVA

FLORBELA ESPANCA: O AMOR ALÉM DA DOR

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Coordenação de Curso de
Licenciatura em Letras do Instituto Federal
do Tocantins, Campus Palmas, como
exigência à obtenção do grau de Licenciado
em Letras.

Aprovado em: ____/____/____

BANCA AVALIADORA

Profa. Dra. Sylmara Barreira
IFTO – Campus Palmas

Profa.Dra. Carina Aparecida Lima de Souza
IFTO – Campus Palmas

Profa. Esp. Idelvânia Gomes de Sousa Ribeiro
IFTO – Campus Palmas

KAREN FERNANDA DE MORAIS ALMEIDA SILVA

FLORBELA ESPANCA: O AMOR ALÉM DA DOR

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins, *Campus* Palmas, como requisito avaliativo da disciplina de projeto de TCC, do Curso de Licenciatura em Letras, sob a orientação da Prof. Dra. Sylmara Barreira.

Palmas
Fevereiro 2019

Dedico esse trabalho, primeiramente, aos meus filhos, Guilherme e Gabriel, pois foram a minha grande motivação para continuar e não desistir durante esse percurso acadêmico.

À minha mãe, que deixou de pagar a sua inscrição do concurso para me dar a oportunidade de fazer no lugar dela. Hoje, lembro-me de suas palavras: eu não irei fazer o meu, porque o dinheiro não dá para pagar os dois; então, passe no seu, eu acredito em você, minha filha.

Dedico também em especial à minha irmã, Juliana Gabriela, que me ajudou nos momentos em que eu mais precisei, dividindo comigo as obrigações e cuidados aos meus filhos enquanto eu estava estudando. À você, minha irmã, toda a minha gratidão.

Aos meus demais irmãos, familiares e amigos que estiveram comigo todo o tempo me apoiando.

Aos meus colegas de curso e a todos os professores que contribuíram para que eu pudesse chegar até aqui.

Agradeço a Deus pelo fôlego da vida a mim concedido.

Agradeço à minha orientadora, professora Dra. Sylmara Barreira, que além de me ajudar muito nesta fase importante da minha vida acadêmica, também foi o pilar de toda essa paixão por Florbela Espanca, ao me apresentar a poetisa no decorrer do curso.

(...) uma das melhores coisas da nossa vida de tão prosaico século é o amor, o grande e discutido amor, o nosso encanto e nosso mistério; as nossas pétalas de rosa e a nossa coroa de espinhos.ESPANCA, Florbela. 1912.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. REFERENCIAL TEÓRICO.....	12
2.1 ãSer poeta é ser muito alto, é ser maior do que os homensò.....	12
2.2 ãDeixa dizer-te os lindos versos rarosò.....	16
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	18
4. ANÁLISE DOS POEMAS SELECIONADOS.....	20
4.1 ãSinto os passos da Dor, essa cadênciãò.....	22
4.2 ãSou aquela que passa e ninguém vêò	32
4.3 ãEu bem sei que para viver são precisos amoresò.....	39
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	54

RESUMO

O presente trabalho objetivou estudar a trajetória da vida da poetisa portuguesa Florbela Espanca, tomando como base os poemas dos livros *Charneca em Flor* (1934), *Livro de Mágoas* (1919), *Livro de Sóror Saudade* (1923), *Reliquiae* (2002) e alguns sonetos esparsos. Procurou-se, como objetivos específicos, identificar os aspectos da personalidade de Florbela, que demonstram a ânsia de amar e sua constante busca pela completude, em uma sociedade que não aceitava uma escritora que deixava transparecer em sua obra o espírito e o temperamento de uma mulher com pluralidade interior. Examinou-se alguns traços da personalidade de Florbela, que o eu-lírico demonstra nos poemas, ora em versos atormentados, intimistas, permeados pela dor de existir, pela neurastenia e pela procura pelo amor, ora em versos vivos, ousados, eróticos e, por vezes, narcisistas. Como aporte teórico, foram estudados os autores Dal Farra (1996), Freud (1972,1996), Barros (2014), Noronha (2001), Bessa-Luís (1979), Massaud Moisés (2008), Hunhoff (2008), Bonfim (2015). Estudou-se elementos biográficos de Florbela Espanca que podem ter influenciado sua obra, mas nos poemas analisados, a crise de identidade da poetisa permanece. É um sujeito que busca a autoafirmação, mas descobre-se à beira do abismo.

Palavras-chave: Florbela Espanca. Amor. Dor de existir. Completude.

ABSTRACT

The present work aimed to study the life trajectory of the Portuguese writer Florbela Espanca, based upon the poems that take part of the books *Charneca em Flor*, *Livro de S3r3r Saudade*, *Livro de M3goas*, *Reliquiae* and some scattered sonets. It was sought, as specific objectives, to identify the aspects of Florbela's personality that demonstrate the desire to love and her constant search for completeness, in a society that did not accept a female writer who would let shine through the soul and temper of a woman with internal plurality. It was also examined some of Florbela's personality traces that the poetic *persona* sets forth in the poems, sometimes in tormented, intimate verses, permeated by the pain of living, by the neurasthenia and by seeking love, sometimes in vivid, audacious, erotic and, at times, narcissistic ones. As theoretical background, there have been studied the authors Dal Farra (1996), Freud (1972,1996), Barros (2014), Noronha (2001), Bessa-Lu3s (1979), Massaud Mois3s (2008), Hunhoff (2008), Bonfim (2015). There have also been studied some biographical elements of Florbela Espanca that may have influenced her work, but in the analysed poems, the writer's identity crisis remains. She is a subject who seeks self-assertion, but finds herself at the edge of the abyss.

Keywords: Florbela Espanca. Love. Pain of living. Completeness.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como tema “O Amor além da Dor”. Sabe-se que Espanca foi considerada um marco para a literatura portuguesa, uma vez que escreveu poesias muito à frente de seu tempo, transformando-se em um ícone de personalidade, apesar de ter seu reconhecimento após a sua morte. A sua feminilidade e o seu impasse de viver normalmente fizeram com que em seus poemas ficasse explícita a sua melancolia. Dessa forma, os poemas de Florbela deixam entrever uma vida complexa, marcada por dores intensas (físicas e espirituais), grandes paixões, desamores, gestações frustradas e ausência de reconhecimento de sua obra.

O problema de pesquisa que se procurou investigar foi setando em vista o eu lírico de Florbela Espanca, é possível amar mesmo que a desesperança seja grande.

Objetiva-se, neste projeto, compreender a trajetória de vida de Florbela Espanca para se encontrar no amor, por tratar-se de uma poetisa valorizada mundialmente, mas pouco estudada em Curso de Licenciatura em Letras.

Justifica-se o trabalho porque a temática abordada pode ser considerada atual, pois observa-se melancolia e a busca incessante pelo assujeitamento através do amor.

Além disso, acredita-se que após o término deste trabalho, os estudantes de Letras terão à disposição um estudo de uma das facetas da obra de Florbela Espanca. O estudo também pode contribuir para mais pesquisas sobre os fenômenos da literatura no âmbito acadêmico e para os avanços do entendimento da linguagem através do sujeito formado pela sua história.

Assim, o trabalho buscará um conceito inovador de literatura através das grandes contribuições de Florbela Espanca enquanto autora que, por sua vez, marcou sua época com poesias representadas pelo amor e a dor em sua existência.

A agonia de viver marca a sua trajetória como poetisa e torna seu trabalho mais talentoso e instigante para a sociedade atual. Considerando esses aspectos, surgiu o interesse em desenvolver essa pesquisa por meio do método qualitativo e através da análise de poemas marcados por essa total insatisfação de viver, que

causa à poetisa a imensa dor de existir, transformando a dor em um grande impasse para se entregar ao amor.

O estigma do sofrimento sobressai-se em suas obras, inclusive nos títulos de seus livros, criando assim um motivo que se julga ser motivação para seus escritos. Esse fundamento justifica, também, o estudo da obra dessa figura feminina autêntica, que utiliza a estética da dor, do noturno, do indefinido para conduzir sua poética. O lirismo existencial de Florbela marca sua literatura e coloca-a em uma condição marginal e, na busca por libertar-se dessa sensibilidade doentia, derrama esse lirismo em seus versos.

Uma pesquisa sobre a complexidade da autora é uma ação instigante, já que vários biógrafos procuraram interpretá-la através de diferentes enfoques e as verdades existenciais de Florbela foram sondadas, recebendo o leitor uma rede de nuances, possibilidades e quadros imaginados. Há sempre algo a ser estudado, caminhos de pesquisa a serem trilhados.

Assim, acredita-se que este trabalho poderá prover o mérito que a literatura portuguesa requer, através do estudo do percurso de Florbela Espanca quando busca sua completude no amor, pelo viés da dor. Considera-se que essa procura perpassa a melancolia, a neurastenia e a solidão, entre outros aspectos e, por esse motivo, a pesquisa mostra-se ainda mais fascinante.

Colocou-se como objetivo geral da pesquisa investigar a trajetória de vida de Florbela Espanca para se encontrar no amor. Como objetivos específicos, buscou-se identificar os aspectos da personalidade de Florbela que demonstram a ânsia de amar; analisar os aspectos do amor para Florbela e relacionar a dor de existir com o amor.

Para embasamento teórico desta pesquisa recorreu-se a Dal Farra (1996), Agustina Bessa-Luís (1979), Freud (1972,1996), Barros (2014), Massaud Moisés (2008), Noronha (2001), Oliveira (1987), Bonfim (2015), Hunhoff (2008).

2. REFERENCIAL TEÓRICO

No aporte teórico são apresentadas as seções que expõem o contexto histórico da época em que Florbela Espanca escreveu sua obra, fatos de sua vida que se julgou importantes para o desenvolvimento da pesquisa.

2.1 Ser poeta é ser mais alto, é ser maior do que os homens

Para que se conhecesse a poetisa, fez-se necessário que se apresentasse o contexto histórico e literário em que sua obra pode ser inserida e, ainda, que se informasse ao leitor a sofrida vida de Florbela Espanca.

De acordo com Moisés (2008, p.356),

A literatura portuguesa foi assinalada por grandes períodos com seus respectivos representantes, mas nem todos puderam ser integrados a movimentos literários definidos. Isso é o que acontece com Florbela Espanca, a poetisa que retratava a desilusão, o erotismo e o sofrimento amoroso, destaca-se como uma figura controversa diante do feminismo e da preocupação com a condição da mulher. O final do séc. XIX e o início do séc. XX foi marcado por grandes transformações econômicas e sociais.

O Modernismo em Portugal (Moisés, 1999) surge numa situação de renovação política. A repercussão da queda da monarquia e da proclamação da república é enorme entre o povo e a cultura portuguesa. São retomadas com entusiasmo antigas discussões sobre a grandiosidade da nação, perdida a partir do declínio da Renascença: o espírito nacionalista e saudosista do povo português é reaceso; vários artistas e intelectuais se lançam num projeto de construção da cultura portuguesa. Como exemplo dessa preocupação, temos a revista *Águia*, dirigida por Teixeira de Pascoais, e Jaime Cortesão, com a colaboração de Mário de Sá Carneiro e Fernando Pessoa. Buscando modernizar o país e inseri-lo nas mais atuais tendências artísticas europeias, os modernistas dão sua contribuição à literatura, chegando a atingir níveis altíssimos de criação estética. A poesia rompe com a tradição e adere ao moderno, elevando-se a níveis de preocupação, desassossego e angústia universais, decorrentes da crise geral que, não só a Europa, mas o mundo atravessa. Sá Carneiro, Almada Negreiros, Fernando Pessoa, entre outros, fazem a literatura portuguesa transpor barreiras locais e sintonizar-se como contexto europeu, senão mundial. Mesmo com a absorção das novidades e conquistas futuristas que tomavam conta da Europa, a exemplo da apologia

máquina e do progresso urbano, o que conduz o movimento de vanguarda, os modernistas não deixaram de cultivar algumas linhas mais tradicionais da lírica portuguesa, como a saudade, as camadas interiores do sujeito, a nostalgia.

Conforme Moisés (1999), o Modernismo Português surge, então, com o lançamento do primeiro número da revista *Orpheu*, na época inspirada em citar os vários movimentos da Vanguarda Europeia.

Grandes artistas participaram da elaboração da revista *Orpheu*, entre eles, Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro e Almada Negreiros. Esses ficaram conhecidos como os escritores do Orfismo, pois, queriam conduzir à literatura portuguesa as inovações europeias. Foi a primeira geração modernista portuguesa.

Já em 1927, a revista *Presença* passa a ser importante carta de informações, ela seria a divulgadora dos novos ideais modernistas que teve como o maior representante, o escritor José Régio. Foi considerada a segunda geração modernista portuguesa.

Esse momento do modernismo português correspondia a um esquecimento do passado, bem como deixar de lado os momentos antigos vividos pela sociedade da época e vivenciar o novo modelo de velocidade técnica, cultural; entre outros aspectos que o modernismo queria quebrar. Ou seja, a sociedade deveria se jogar de cabeça no modernismo.

Na terceira geração, o Neo-Realismo, contou com Alves Redol, Ferreira de Castro, Jorge de Sena e outros que defendiam a literatura de caráter social.

Em relação à posição de Florbela em uma geração modernista portuguesa, várias são as classificações elaboradas por teóricos e historiadores.

Para Massaud Moisés (1999, p. 481), a poetisa localiza-se mais precisamente entre o Orfismo e o Presencismo, o interregno. Para Bessa-Luís (1976), Espanca seria a primeira poeta do pré-modernismo português.

Sabe-se que ela foi contemporânea do movimento modernista, liderado, na perspectiva literária, por Fernando Pessoa, mas Florbela optou por se manter à margem dessas propostas estéticas de vanguarda, recuperando o uso do soneto, uma forma poética clássica. Como o modernismo aparentemente virou as costas à tradição poética do passado, uma de suas bandeiras, Florbela manteve-se auto-marginalizada.

Para melhor compreensão de seus poemas, faz-se necessário que se conheça a sua biografia, visto que pelas leituras de seus livros, observa-se que sua infância, sua família, seus amores e desamores têm muita influência.

Florbela Espanca nasceu em Vila Viçosa, em oito de dezembro de 1894 e viveu até os seus trinta e seis anos. Como seu pai não tinha filhos com a esposa legítima, esta consentiu que João Maria Espanca tivesse um filho com a criada da família, de origem humilde e portadora de uma doença de fundo nervoso. Sobre Florbela, Bonfim faz considerações.

A menina foi batizada como Florbela DôAlma da Conceição Espanca, filha de Antonia da Conceição Lobo e de pai incógnito. Antonia gerou também o único irmão de Florbela, Apeles, três anos mais novo, que foi criado junto à irmã por João Maria Espanca e Mariana Inglesa. Em 1908, Antonia faleceu, com 29 anos. (BONFIM, 2015, P.114)

Essa infância marcada pelo fato de não ter o nome do pai e de perder a mãe muito cedo irá influenciar o curso de sua vida.

Considera-se a sua trajetória marcante, pois desde sua infância Florbela luta contra a melancolia e o abandono. Sua primeira poesia foi escrita quando ela tinha sete anos de idade e já poderia descrever seus sentimentos de frustração entre "A vida e a Morte". Esse poema foi considerado como um poema exorbitantemente nostálgico, violento e doloroso, visto que foi escrito por uma criança de apenas sete anos de vida. Sua vida poética era cada vez mais afetada pela doença herdada da mãe.

Logo, com o falecimento de seu irmão e com as frustrações amorosas, Florbela Espanca acaba aumentando o seu nervosismo, tornando-se uma mulher definitivamente doente. As dores de cabeça e a insônia afetavam cada vez mais a poetisa. Já órfã de mãe, Bela casa-se pela primeira vez com 19 anos com Alberto Moutinho. Muda-se com seu cônjuge para o Redondo, onde abre um colégio e inicia o caderno "Trocando olhares". Nesse tempo, é publicado o seu poema "Crisântemos" e, mais tarde, torna-se coparticipante do jornal "Notícias de Évora".

De acordo com Frazão (2018, p.2), devido aos poemas e frustrações amorosas, a poetisa não era aceita socialmente. E, logo quando terminou seu casamento devido à frustração de um aborto involuntário, a sociedade a banuiu mais ainda, pois, na época, mulheres separadas não eram bem vistas. Mas, também não ficou muito tempo separada, logo casou-se com António Guimarães, novamente engravidou e teve um novo aborto. Dois anos depois separou-se de Guimarães. Em

1925, casa-se novamente, agora com Mário Lage. Desde então, a poetisa torna-se cada vez mais melancólica, a neurose começa a ficar insuportável e Florbela tenta pela primeira vez o suicídio.

Em 1930, Florbela escreve o seu "Diário do Último Ano". Alguns meses depois, planeja-se para a publicação de seu livro de poemas "Charneca em Flor".

A vida da poetisa resume-se em uma infância frustrada pelas suas perdas, amores não vividos, casamentos marcados por abortos e separações, poesias questionadas pela sociedade da época e muito melancolia existente. Entretanto, hoje é uma poetisa mundialmente conhecida e colocada como a mais importante figura feminina de Portugal. Florbela conseguiu seu mérito como poetisa e suas obras hoje são estudadas por intelectuais e universitários de todo o mundo. Muitos trabalhos já foram desenvolvidos através da sua trajetória de vida.

Em 8 de dezembro de 1930, a poetisa do "Amor além da Dor" finalmente consegue descansar em paz pois, para Florbela, o suicídio seria a sua libertação. Florbela acreditava que havia nascido poeta e que tal destino a faria ser mais alta, conforme ela mesma escreve em um de seus poemas.

Ainda, era nacionalista, era amante de sua pátria, era devotada a ela, apesar de não ser reconhecida como poeta. Florbela demonstra esse patriotismo em poemas como "Às mães de Portugal".

O contexto histórico do Modernismo Português e a vida de Florbela, com seus agravantes e sua sensibilidade doentia, conduziram-na à uma produção de um lirismo melancólico e apaixonante.

Agustina Bessa Luís, biógrafa de Florbela procurou montar alguns retratos possíveis da poetisa, mas deixa ao leitor a tarefa de imaginar as intenções de seus temas e interpretar fatos de sua vida que não se pode captar por inteiro. Bessa-Luís é citada por Noronha (2001, p.80)

A fascinante rede de seus desejos, e não o conhecimento deles, é o que faz de Florbela uma mulher perigosa. (...) Palavra, conceitos, definições, fatores emocionais, tudo isso falha, tratando-se de compreender uma vida espiritual em que se enraizaram toda a espécie de metamorfoses. A libido é uma dessas metamorfoses, mas mais nada; não é a própria vida, não é a silhueta completa do indivíduo. Quando muito, é a sombra das intenções da sua pré-história.

A seção a seguir mostrará a obra de Florbela e as críticas que ela despertou.

2.2. Não deixa dizer-te os lindos versos raros

Há estudiosos que consideram que Florbela Espanca passou ao largo do Modernismo Português de que foi contemporânea; outros creem que houve preconceito em relação à obra poética de Florbela, considerada como excessivamente sentimental e que seu afastamento acadêmico se deu por sua insistência em falar do amor e da dor no século XX, preferencialmente em sonetos.

Porém, lendo seus poemas e estudando sua obra, pode-se crer que falar de amor e da dor de existir não significa ausência de criatividade. A procura por completude apresentada na obra de Florbela, apesar de ser considerada passadista ou arcaica, é um tema universal e merecedor de apreciação.

Segundo a crítica Dal Farra (1995), Florbela, em suas obras demonstra a grande ausência de um amor e, com isso, torna sua obra dependente de um objeto, esse considerado o "outro". Dessa forma, a autora evidencia a dor sentida por Florbela como a falta desse objeto. Assim, tudo o que Espanca sente é transformado em poesia.

(...) a dor- dote exclusivamente feminino não decorre da instabilidade do olhar solar do amado, torna-se este motor para a própria literatura, convertendo- se em móvel de poesia. É a ausência do sentido protetional de tal olhar que lança essa jovem mulher no seu mundo noturno, livre mas marginal, o que, contraditoriamente, lhe é em absoluto fecundo, visto que a incita a escrever e a converte em poeta (DAL FARRA, 1995. p. 77).

A crítica também acredita que a literatura composta por Florbela Espanca vai além da sua vida de neurose. É também influenciada por questões regionais, bem como, a mulher que sempre espera pelo seu príncipe encantado, a autora ainda define Florbela como uma mulher que viveu encarcerada em si mesma.

Mulher indecisa entre a monja e a amante, vive a mercê de se transformar na dominação que o mundo masculino lhe confere, o que aponta para o vazio da própria identidade feminina (DAL FARRA, 1995, p. 55)

Nesta mesma linha de pensamento, Bessa-Luís dispõe que a trajetória Florbeliana, ficou marcada pela representação masculina do pai. O senhor Espanca representava para as mulheres que sobrevêm em sua vida como o imutável. Dessa forma, havia entre a poetisa e o pai uma certa relação de beleza impudica. A crítica também levanta a ideia de que o amor de Florbela Espanca por seu pai não era

nada filial, mas sim que havia em Florbela Espanca grande repressão erótica pelo pai e, por isso, a harmonia do convívio familiar lhe era necessária.

Já Hunhoff (2008, p. 57) coloca Florbela Espanca como ãum bom exemplo na literatura. Considerando a poetisa como uma grande faceta da sociedade, para o crítico, o esnobismo da autora faz com que seu trabalho fique mais apreciável, pois dispõe que era apenas mais uma das facetas de seu desajustamento e ainda complementa dizendo que a literatura serviu para afirmar a individualidade da poetisa. Diz ele: “Por sentir-se diferente, serviu-se da literatura para expressar os seus sentimentos” (HUNHOFF, 2008, p.58)

Florbela nasceu poetisa, tornou-se poetisa e morreu poetisa. Em suas obras, destacava-se a solidão, mas nunca faltavam palavras para se expressar através de seus livros e, por isso, seu nome ainda é tão lembrado. “Suicidou-se a mulher, mas salvou-se a poetisa” (OLIVEIRA apud Hunhoff, 2008, p. 23.)

Lendo o Livro de Mágoas, Charneca em Flor, Sórora Saudade e Relíquias, nota-se que Florbela Espanca demonstra uma poesia intimista, ligada talvez aos autores com os quais ela teve contato através da leitura como, por exemplo, Alexandre Dumas, Camilo Castelo Branco, Guerra Junqueiro e outros. Florbela mergulha em busca de descobrir a si mesma, traduzindo essa procura em poemas que refletem angústias, solidão, dor, histeria, amargura e o sentimento de um vazio existencial, a ausência do apreço do Outro e a extrema dificuldade de comunicar seus sentimentos. Como exemplo temos:

Tortura

Tirar dentro do peito a Emoção,
A lúcida Verdade, o Sentimento!
E ser, depois de vir do coração,
Um punhado de cinza esparso ao vento!

Sonhar um verso de alto pensamento,
E puro como um ritmo de oração!
E ser, depois de vir do coração,
O pó, o nada, o sonho dum momento...

São assim ociosos, rudes, os meus versos:
Rimas perdidas, vendavais dispersos,
Com que eu iludo os outros, com que minto!

Quem me dera encontrar o verso puro,
O verso altivo e forte, estranho e duro,
Que dissesse, a chorar, isto que sinto!

ESPANCA, F. **Sonetos**, 1982.

Neste trabalho, a dor de existir, os sentimentos que provocam essa dor e a condição que leva Florbela a sobrepujar a dor através do amor foram investigados através de sua obra. A análise dos poemas escolhidos, para que se alcance os objetivos propostos, será apresentada na seção a seguir.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa desenvolvida foi de natureza básica, sem aplicação prática prevista. Segundo Appolinário (2011, p. 146), a pesquisa básica tem como objetivo principal o avanço do conhecimento científico, sem nenhuma preocupação com a aplicabilidade imediata dos resultados a serem colhidos.

Foi qualitativa, pois sua preocupação abordou aspectos da realidade que não podiam ser quantificados. De acordo com Gil (2010, p.27), a capacidade e o estilo do pesquisador ditarão os caminhos para análise dos dados. Os objetivos propostos determinaram uma pesquisa de caráter exploratório, pois informações foram levantadas através da bibliografia selecionada. Consoante Gil (2010, p.41), a pesquisa exploratória tem como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições. Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado. Na maioria dos casos, essas pesquisas envolvem um levantamento bibliográfico e análise de exemplos que estimulem a compreensão.

Essa análise da bibliografia escolhida visou compreender a trajetória de vida de Florbela Espanca para se encontrar no amor.

Também, quanto aos procedimentos técnicos foi uma pesquisa bibliográfica pois, conforme Gil (2010, p.30), a pesquisa bibliográfica é elaborada com base em material já publicado. Tradicionalmente, esta modalidade de pesquisa inclui material impresso como livros, revistas, jornais, teses, dissertações e anais de eventos científicos.

A problemática da pesquisa foi: tendo em vista o eu-lírico de Florbela, é possível amar mesmo que a dor da não-completude do sujeito seja grande? O trabalho procurou confirmar a hipótese de que a dor expressada pela poetisa influenciou na busca pelo amor que nunca conseguiu alcançar.

O referencial teórico escolhido foi o que melhor legitimou a proposta, com informações, críticas e pontos de vista.

Para tanto, houve a intenção de dividir-se o referencial teórico do trabalho de pesquisa em seções iniciadas por um verso de Florbela, para que os temas escolhidos para estudo ficassem mais ressaltados. Cada teórico selecionado colaborou nos temas.

Dos principais autores escolhidos, Barros (2014) sendo psicanalista, contribuiu na análise dos poemas de Florbela citados neste trabalho de pesquisa, com seu diálogo lacaniano, mostrando que o escrito não pertence à ordem do compreensível, mas sim, à do intangível.

Dal Farra (1996), estudiosa da obra de Florbela Espanca, concorreu com seus textos, para que se pudesse compreender que a condição feminina era uma constante nos poemas de Florbela, demonstrada como marginal e uma exceção na sociedade portuguesa, nunca igualada à condição do homem.

Freud (1996,1972), como psicanalista, subsidiou esta pesquisa com suas explicações sobre as repetições de reações que datam da tenra infância e acompanham o indivíduo por toda a sua vida, como se pode perceber nos poemas de Florbela Espanca. A teoria do inconsciente de Freud também foi muito importante na análise de poemas.

A autora Agustina Bessa-Luís (1979) forneceu o aporte biográfico de Florbela Espanca, primordial para o entendimento de sua obra.

Através da leitura de Massaud Moisés (teórico da literatura, pode-se contextualizar a obra de Florbela Espanca dentro do cenário literário e político do início do século XX. As circunstâncias que envolveram a vida e a obra de Florbela pode ter influenciado sua trajetória.

O corpus da pesquisa constituiu-se de poemas de quatro livros da escritora Florbela Espanca: Livro de Mágoas, Reliquiae, Sórora Saudade e Charneca em flor. Foram escolhidos os poemas que exemplificavam os temas Dor (ocasionada pela depressão, dor de existir, melancolia, neurastenia, saudade e ausência do objeto amado) e Amor (suscitado pelo nacionalismo, pelo erotismo, pelo narcisismo, pelo lirismo e mesmo o amor intransitivo).

Espera-se, com o término desta pesquisa, alcançar um estudo que aborde diferentes aspectos da vida e da obra da poetisa Florbela Espanca, que contribuirá para a vida acadêmica dos graduandos do curso de Licenciatura em Letras.

Em primeiro lugar foi feita a revisão da literatura pertinente. A seguir, foi selecionado o material de acordo com os objetivos propostos. Após essa etapa, o material bibliográfico, nesse caso a literatura de aporte teórico e os quatro livros de poemas de Florbela Espanca, foi analisado e separado, considerando-se as partes previstas para o alcance do objetivo do trabalho. A seguir, foram elaboradas as seções do referencial teórico e da metodologia. Em uma fase seguinte, foram analisados os poemas escolhidos, de acordo com os temas determinados e elaborada a conclusão do estudo.

4. ANÁLISE DO CORPUS

Foram escolhidos 19 poemas florbelianos dentro dos campos temáticos do amor (erótico, nacionalista, narcisista, lírico) e da dor (saudade, neurose, incompletude, busca), procurando estabelecer relações no complexo jogo do amor e da dor.

Para a realização da análise dos poemas, considerou-se discussões teóricas tomando por base autores como Barros (2014), Freud (1972, 1996), Hunhoff (2008), Bessa-Luís (1979), Dal Farra (1995), Shabo (2013), Craveiro (2007), Bonfim (2015), Noronha (2001) e Massaud Moisés (1990, 1999, 2008).

Na análise dos poemas, o psicanalista Freud (1996, 1972) provê o entendimento do narcisismo que Florbela Espanca demonstra em seus poemas, a sublimação de seus instintos libidinais e, ainda, sobre a relação entre o desamparo e a dor de existir, uma dor psíquica.

Hunhoff (2008) colaborou com os estudos a respeito das diferentes concepções relativas à visão de mundo, à busca de identidade, à efemeridade e à transitoriedade do ser humano, que aparecem nos poemas de Florbela.

Ao analisar-se os poemas de Florbela, a autora Barros (2014) forneceu o aporte teórico a respeito dos impedimentos que a poetisa encontra para tornar seus sonhos de amor uma realidade. Barros, em sua obra, escreve que o amor é uma falta constante para Florbela, que ama sem medidas.

A biógrafa Bessa-Luís (1979) questionou vários pontos da obra e de publicações a respeito da vida de Florbela, que julgou adulterados e sem profundidade. Lendo o que a biógrafa expõe, conseguiu-se explicações para atitudes de Florbela demonstradas em seus poemas.

A crítica Dal Farra (2014) concorreu para que a análise de alguns de seus poemas fosse efetivada, já que Dal Farra publicou vários estudos sobre a obra de Florbela Espanca. Florbela foi descrita como uma poetisa no limiar da loucura, um feixe de nervos movido pela excentricidade. Ainda, Dal Farra mostra a relação entre as mudanças que ocorreram na vida de Florbela e que causaram as sensações de instabilidade, frustração e desterritorialização. As dificuldades financeiras também levaram Florbela ao sentimento de desamparo.

Nas seções a seguir, serão analisados os poemas selecionados, de acordo com os temas anteriormente mencionados e que se julgou importantes e dignos de registro e apreciação da obra da poetisa portuguesa. Considerou-se, também, que Florbela Espanca escreveu cinco livros de poemas, a saber: Charneca em Flor, Livro de Mágoas, Livro de Sórór Saudade, Reliquiae e Sonetos. Além disso, escreveu contos e muitas cartas e, por isso, optou-se por eleger os poemas que mais retratam os temas escolhidos.

Foram escolhidos os poemas:

- Neurastenia
- Maior tortura
- Castelã da Tristeza
- Loucura
- Deixai entrar a Morte
- Eu (Livro de Mágoas)
- Eu (Charneca em Flor)
- Diz-me Amor, como sou querida
- O meu impossível
- Minha Dor
- Ser Poeta
- Amor que morre
- Saudades
- Passeio no campo
- Amar
- Frémido do meu corpo a procurar-te
- Volúpia
- Fanatismo

- Prince Charmant

Seguindo os preceitos de um dos teóricos escolhidos para embasar este trabalho, Freud (1972), o desamparo de uma pessoa relaciona-se a uma impossibilidade de acesso ao objeto que possa lhe garantir a satisfação, o objeto buscado, amado. Quando a pessoa não é correspondida pelo ser amado, ela experimenta um tipo de castração. Essa situação é relacionada à dor, uma dificuldade do ego de se defender da ansiedade frente à castração, à falta do Outro, como expôs Lacan.

Florbela demonstra essa dor em vários poemas; a consequência da falta, do desamparo reflete-se na necessidade do amor. Dada a significância dessa dor, o termo é geralmente grafado em maiúscula por Florbela em seus escritos.

Na seção seguinte, alguns poemas mostrarão essa Dor que Florbela descreve em uma carta a Guido Batelli, citando um amigo, Ruben Dário: *“Pois não há dor maior que a dor de se estar vivo; nem maior pesadelo que a vida consciente”*

4.1. *“Sinto os passos de Dor, essa cadência”*

Através de sua obra, Florbela mostra que estaria sempre em um estado depressivo, de esgotamento, demonstrado por um sentimento de inferioridade, um vazio que, às vezes, parece ser originado de sua infância. Foi objeto de ostentação da mãe e da madrinha, mas não recebeu o amor que desejava e, sendo assim, considera-se um ser quase sem identidade. Florbela lutou para conseguir ao menos o amor do pai, sem alcançá-lo.

Em uma carta, disse a uma amiga: *“É sempre triste a perda de um pai...E eu, que tenho ainda o meu, calculo a tua mágoa, se Deus me tivesse roubado o meu, que ainda assim não me quer como eu lhe quero!”* (CRAVEIRO, 2007, p. 8)

A solidão também lhe provocava muita dor: *“Ninguém gosta, de mim nunca ninguém gostou”* (CRAVEIRO, 2007, p. 8).

Florbela conduziu essas dores, esses lutos para sua obra, que mostram uma desilusão progressiva que a tornam, como ela mesma dizia, uma velha. No soneto *“Pior velhice”* esses desânimos aparecem: *“Sou velha e triste. Nunca o alvorecer/Dum riso são andou na minha boca! /Gritando que me acudam em voz rouca,/ Eu, náufraga na vida ando a morrer!”* (CRAVEIRO, 2007, p. 8).

A falta de vontade de viver, como diz o poema citado, deixava em Florbela a sensação de desamparo, de negação, de ausência de perspectiva de futuro.

O sofrimento é incessante, quase permanente na vida de Florbela, pelo que se pode apreender de seus poemas, em que a dor e o desamparo são presentes.

Conforme estudos de Freud (1972), as neuroses como a que vitimou a mãe de Florbela e que se fez presente na vida dela, pode ter surgido da moral social que lhe foi imposta pela sociedade portuguesa do início do século XX. Florbela dedicou à sua dor e desequilíbrio um poema: "Neurastenia"

Ela coloca em seu poema "Neurastenia" um significado inconsciente dessa tristeza, da perda do amor, da melancolia, algo que ela sequer nomeia.

Neurastenia

Sinto hoje a alma cheia de tristeza!
Um sino dobra em mim, Ave-Marias!
Lá fora, a chuva, brancas mãos esguias,
Faz na vidraça rendas de Veneza

O vento desgrenhado, chora e reza
Por alma dos que estão nas agonias!
E flocos de neve, aves brancas, frias,
Batem as asas pela Natureza

Chuva é tenho tristeza! Mas porquê?!
Vento é tenho saudades! Mas de quê?!
Ó neve que destino triste o nosso!

Ó chuva! Ó vento! Ó neve! Que tortura!
Gritem ao mundo inteiro esta amargura,
Digam isto que sinto que eu não posso

ESPANCA, F. **Livro de Mágoas**, 1919.

Desde o título do poema, Neurastenia, nota-se que Florbela não se sente capaz de manifestar seu prazer e se cala, como se fosse portadora de debilidade física e moral. Para ela, nem os elementos da natureza têm a voz que ela não possui e da qual necessita para se expor: *"Ó neve que destino triste o nosso!"*

Ela usa de sua imaginação e atribui aos símbolos um valor relativo ao espírito humano. Freud (1972, p.48) considera o desinteresse pelo mundo externo, a suspensão da capacidade de amar como a depreciação do sentimento de si. É como se Florbela estivesse enlutada: *"Sinto hoje a alma cheia de tristeza!"*

Florbela recebeu essa intensa melancolia de sua mãe, neurastênica, e carregou-a por toda a sua vida.

No poema *Maior Tortura*, Florbela mostra, também, a alma melancólica, a dor da ausência, de sentir-se parte da vida.

Maior Tortura

Sou a sombra profunda dos espaços
Eu sou a dor de um pobre enlouquecido
Ergo aos céus mudos meus braços
E o céu é sempre azul e sempre mudo

À Terra não me prendem nenhuns laços
Perco-me em mim na dor de ter vivido!
E não tenho a doçura duns abraços
Que me façam sorrir de ter nascido!

Sou como tu, um cardo desprezado,
A urze que se pisa sob os pés,
Sou como tu, um riso desgraçado!

Mas a minha Tortura ainda é maior:
Não ser poeta, assim como tu és
Para falar assim da minha dor.

ESPANCA, Florbela. **Livro de Mágoas**, 1919.

Florbela mostra sua melancolia, uma dor intensa, um sentimento de não pertencimento, como mostra o verso: *“À Terra não me prendem nenhuns laços”* Ela sente o desprezo de não ser aceita, de não ser amada, de não se encontrar no Outro.

O psicanalista Freud estabelece alguns pontos para o desenvolvimento da melancolia: o desejo de recuperar algo perdido, um tipo de angústia, como a demonstrada no poema *Maior Tortura*.

Florbela Espanca sente-se tão ínfima, tão sem propósito, tão angustiada, que valoriza os termos *Tortura* e *Dor*, utilizando-os em letras maiúsculas.

Santos (2017, p. 13), corroborando o acima citado, explica:

Segundo Freud, a melancolia apresenta em termos psíquicos um abatimento doloroso, uma cessação do interesse pelo mundo exterior, pela perda da capacidade de amar, inibição de toda a atividade e diminuição da autoestima, que se expressa em recriminações à própria pessoa, podendo chegar a uma expectativa de punição.

No poema *“Maior tortura”* Florbela fala em *“laços que não a prendem”* laços considerados sociais e que, para a psicanálise, refere-se a uma relação entre os sujeitos sustentada no discurso.

Dal Farra (1996, p.52) brilhante estudiosa da obra de Florbela Espanca complementa o pensamento citado dizendo: "O amor é o tema primordial de sua obra poética, mas esta também se serve da dor. O sofrimento não só se associa ao amor, como está ligado às perdas. Na direção contrária, o amor ameniza a dor de existir".

Nas poesias de Florbela aparecem temas que demonstram seu desamparo, remetem à falta, a um vazio. Conforme Dal Farra (1995, p.53)

A dor é, nos escritos de Florbela Espanca, tanto em prosa quanto em versos, um dos ingredientes mais íntimos e, de certeza, uma recorrência muito poderosa, o *leitmotiv* mais tocante. Todavia, não insufla somente sua obra: é componente patético de sua própria vida.

A crítica Dal Farra comenta que a dor está presente em grande parte da obra de Florbela. Encontra-se poemas com essa temática no Livro de Mágoas e Livro de Sóror Saudade.

A exemplo desse tema, temos o poema "Castelã da Tristeza"

Castelã da Tristeza:

Altiva e couraçada de desdém,
Vivo sozinha em meu castelo: a Dor!
Passa por ele a luz de todo o amor ...
E nunca em meu castelo entrou alguém!

Castelã da Tristeza, vês? ... A quem? ...
"E o meu olhar é interrogador"
Perscruto, ao longe, as sombras do sol-pôr ...
Chora o silêncio ... nada ... ninguém vem ...

Castelã da Tristeza, porque choras
Lendo, toda de branco, um livro de horas,
À sombra rendilhada dos vitrais? ...

À noite, debruçada, pelas ameias,
Porque rezas baixinho? ... Porque anseias? ...
Que sonho afagam tuas mãos reais? ...

ESPANCA, Florbela. **Livro de Mágoas**, 1919.

Em "Castelã da Tristeza" nota-se que o eu-lírico vive na solidão. Apesar de ativa e protegida, ainda sente dor, como se esse sentimento fosse seu destino. Essa sina parece ser característica do eu-lírico dos poemas florbelianos. O castelo protege, mas ao mesmo tempo afasta o eu-lírico do mundo, o que também causa dor.

No poema, observa-se, ainda, termos significantes recorrentes: Alguém, Ninguém, Nada.

A poetisa demonstra sempre que para ser Alguém, depende do olhar benevolente do Outro, do mundo, da sociedade. E essa sociedade da época a marginaliza.

Resta a ela, então, ficar em seu *castelo* reclusa, afastado do Paraíso que busca durante sua curta existência.

Há, no poema, a cor branca que remete à pureza de quem está sozinha, enclausurada.

Castelã da Tristeza, porque choras
Lendo, toda de branco, um livro de horas,
À sombra rendilhada dos vitrais?...

E o eu-lírico aguarda o olhar de Alguém que entre em seu castelo e a liberte, construindo, assim, sua identidade feminina.

Castelã da Tristeza, vês?... A quem?...
ĩ E o meu olhar é interrogador ĩ
Perscruto, ao longe, as sombras do sol-pôr...
Chora o silêncio... nada... ninguém vem...

Segundo Barros (2014, p.55), a dor intensa pode desorganizar psiquicamente uma pessoa. A dor é o último afeto, antes da loucura e da morte. No poema *Castelã da Tristeza*, a poetisa faz uma analogia da dor, comparando-a a um castelo, algo forte, que protege. Conforme já citado anteriormente, Freud (1972) a dor a defende. A dor, para ela, seria um componente de força e inspiração.

Para Dal Farra (2014, p.56), há em *Florbela* uma dor diferente, a Dor de existir, a dor de sentir-se isolada, hostilizada, e cita Lacan para explicar esse sentimento, que ela considera a origem do vazio expresso por *Florbela* em seus poemas:

Lacan, em alguns momentos de seu ensino, utilizou a expressão *“dor de existir”* deslocando-a de seu significado comum. A dor de existir não é prerrogativa peculiar da melancolia; o campo do sofrimento humano é vasto e ela se apresenta em vários matizes, passando por diferentes gradações. Tal como o prazer, a dor tem *“seu fim”*: é o esvaziamento do sujeito. Está, portanto, associada à falta de ser, relativa à própria existência como vazio.

Sobre a dor que perpassa a obra de *Florbela*, vários autores tecem comentários.

Sabemos que esse estado de dor extrema, o esvaziamento do eu é a expressão de uma defesa. Também sabemos que essa dor é a última muralha contra a loucura. Para Freud (1972), no registro dos sentimentos humanos, a dor

psíquica é efetivamente o derradeiro afeto, a última crispação do eu desesperado, que se retrai para não naufragar no nada.

No poema "Loucura" Florbela expõe um abatimento, uma ruína psicológica, presente também em outros poemas.

Loucura

Tudo cai! Tudo tomba! Derrocada
Pavorosa! Não sei onde era dantes.
Meu solar, meus palácios, meus mirantes!
Não sei de nada, Deus, não sei de nada!

Passa em tropel febril a cavalgada
Das paixões e loucuras triunfantes!
Rasgam-se as sedas, quebram-se os diamantes!
Não tenho nada, Deus, não tenho nada!

Pesadelos de insônia, ébrios de anseio!
Loucura a esboçar-se, a enegrecer
Cada vez mais as trevas do meu seio!

Ó pavoroso mal de ser sozinha!
Ó pavoroso e atroz mal de trazer
Tantas almas a rir dentro da minha!

ESPANCA, Florbela. **Livro de Mágoas**. 1919.

As estrofes do poema "Loucura" mostram a crise do ego, revelada na contínua busca de identidade que se pode observar na obra de Florbela Espanca. O poema "Loucura" pode ser considerado o ponto culminante desse processo de procura.

O estado de perturbação interior do eu poético é evidente a partir do título. Os versos expressam a ausência de sentido do mundo. Ao lê-los, nota-se a instabilidade da autora. Há sonhos de grandeza, de paixões. A autora tem sede de infinito. Declara-se inconformada com o vazio, como se nota no último verso da primeira e da segunda estrofe: "Não sei de nada, Deus, não sei de nada".

Na última estrofe do poema, Florbela manifesta o pavor de ser só, a falta de autoafirmação.

"Ó pavoroso mal de ser sozinha! / Ó pavoroso e atroz mal de trazer / Tantas almas a rir dentro da minha!"

Dal Farra (2002, p. 32) considera esse estado de ausência de estabilidade da poetisa, uma instabilidade que aparece em vários poemas.

Considerando os estudos de Dal Farra (2002) observou-se, principalmente no livro "Charneca em Flor", a imagem de uma mulher cheia de tensões, sem

identidade (porque não tem o masculino) e que sente dor por ser diferente, por ser poeta e não se encaixar nos tradicionais papéis femininos. E, paralelamente, ela sofre por não ser reconhecida como poeta porque é mulher. Essas tensões vão gerar em Florbela uma solidão profunda que será transpassada para sua poética.

Dal Farra expõe, ainda que Florbela mostrava uma dor de existir enquanto...mulher, que aparece constantemente na obra da poetisa. Dal Farra ainda explica como Espanca escreve sobre a dor e o gênero:

Dedicatória

É só teu o meu livro; guarda-o bem;
Nele floresce o nosso casto amor
Nascido nesse dia em que o destino
Uniu o seu olhar à minha dor.
(...)

ESPANCA, Florbela. **Trocando Olhares**, 1985.

Seguindo essa temática, Dal Farra (1998, p.223) complementa:

o olhar aparece como um dote masculino, ao passo que a dor aparece como um dote feminino, como se a mulher estivesse à mercê dos olhos do amado, como se o masculino conferisse identidade e existência à mulher.

Barros (2014, p.56), recorre a Lacan que utilizou a expressão *“dor de existir”* um vazio da existência, que se pode observar também em versos de Florbela. Para Barros, a *“dor de existir”* não é prerrogativa peculiar da melancolia, é muito mais que isso. É a falta de ser, um esvaecimento do sujeito. Exemplificando essa dor, tem-se o poema *“Deixai entrar a Morte”* em que Florbela coloca uma espécie de inventário do que foi sua vida.

Deixai Entrar a Morte

Deixai entrar a Morte, a Iluminada,
A que vem para mim, pra me levar.
Abri todas as portas par em par
Com asas a bater em revoada.

Que sou eu neste mundo? A deserdada,
A que prendeu nas mãos todo o luar,
A vida inteira, o sonho, a terra, o mar
E que, ao abri-las, não encontrou nada!

Ó Mãe! Ó minha Mãe, pra que nasceste?
Entre agonias e em dores tamanhas
Pra que foi, diz lá, que me trouxeste

Dentro de ti?... Pra que eu tivesse sido
Somente o fruto amargo das entranhas
Dum lírio que em má hora foi nascido!...

ESPANCA, Florbela. **Reliquiae**. 1934.

Nota-se nos versos do poema "Deixai entrar a Morte" que a poetisa se considerava deserdada, uma constatação muito forte, já que ela mesma diz no poema que havia herdado todos os bens deste mundo (sonho, vida, terra, mar). Mas, como se pode ler, ela não conseguiu manter essa herança: *"Que sou eu neste mundo?/A deserdada/A que prendeu nas mãos todo o luar,/a vida inteira, o sonho, a terra, o mar/ E que, ao abri-las, não encontrou nada"*

De acordo com Dal Farra, Florbela parece querer, nesses versos tão trágicos, dizer que no dia em que nasceu, ela teria morrido e regressaria ao seu estado original no dia de sua morte. Florbela transferiu a data de seu nascimento para a data de sua morte.

De acordo com Dal Farra (1997, p.3),

a dor é, no escritos de Florbela Espanca, tanto em prosa quanto em verso, um dos ingredientes mais íntimos e, de certeza, uma recorrência muito poderosa, o *leitmotiv* mais tocante. Todavia, não insufla apenas a sua obra: é componente patético da sua própria vida. Seria uma dor de origem, uma dor básica, fundamental, de raiz, de desligamento da mãe primordial.

A busca infrutífera pelo amor, por encontrar a si mesma, causadores também de dor, estão presentes em poemas da poetisa alentejana.

Há, em sua obra, validando essa procura, dois poemas com o mesmo título: "Eu". Os dois poemas apresentam a ausência do Outro, a necessidade do reconhecimento, mas com perspectivas diferentes.

No "Livro de Mágoas" o poema Eu, descreve uma alma atormentada:

Eu

Eu sou a que no mundo anda perdida,
Eu sou a que na vida não tem norte,
Sou a irmã do Sonho, e desta sorte
Sou a crucificada ... a dolorida ...

Sombra de névoa ténue e esvaecida,
E que o destino amargo, triste e forte,
Impele brutalmente para a morte!
Alma de luto sempre incompreendida! ...

Sou aquela que passa e ninguém vê ...
Sou a que chamam triste sem o ser ...
Sou a que chora sem saber porquê ...

Sou talvez a visão que Alguém sonhou,

Alguém que veio ao mundo pra me ver
E que nunca na vida me encontrou!

ESPANCA, Florbela. **Livro de Mágoas**. 1919.

A mulher-poetisa é a que se afasta da sociedade considerada "normal" para a época, a mulher cujo conhecimento a marginaliza, o conhecimento da Dor, do sofrimento humano. A poetisa mostra bem essa condição de incompreendida, que culmina com a busca de conhecimento da própria vida. Ela quer ser alguém, ser amada, ser a escolhida de alguém. Mas, é sempre empurrada para um destino cruel.

No poema "Eu", temos, do primeiro ao último verso, a descrição do sujeito feminino: *"Eu sou a que no mundo anda perdida, Eu sou a que na vida não tem norte"* como a própria mulher de desejo, ignorada e incompreendida pela sociedade tradicional.

Dal Farra (2002, p. 23) cita que, nesse poema, o Sonho pode ser interpretado como o desejo de ser alguém, de não ser a mulher tradicional, de ter uma identidade independente do homem. Assim é a mulher que passa invisível, marginalizada por ter feito escolhas que a levam a um destino angustiante.

No poema "Eu" do Livro de Mágoas, o destino impele o sujeito que desconhece a si próprio, para a morte, com uma força de que não pode escapar.

Sendo irmã do Sonho, admite um caráter invisível, algo irreal. No mundo real, o eu-lírico não tem um direcionamento e, sendo assim, busca a saída no mundo do sonho. Mas, o Eu vive no mundo real, que lhe provoca dor e sofrimento. Observa-se que nesse poema, Florbela tem influência simbolista.

Sombra de névoa ténue e esvaecida,
E que o destino amargo, triste e forte,
Impele brutalmente para a morte!
Alma de luto sempre incompreendida!..

No segundo quarteto do poema, a ideia da imaterialidade do eu-lírico torna-se ainda mais aparente. Ele não tem coragem de se chamar Névoa, sente que é apenas uma sombra cujo destino será a morte.

Ao mesmo tempo, sente um grande luto por ser sempre incompreendido.

Sou aquela que passa e ninguém vê...
Sou a que chamam triste sem o ser...
Sou a que chora sem saber porquê...

Sou talvez a visão que Alguém sonhou,
Alguém que veio ao mundo pra me ver,
E que nunca na vida me encontrou!

Nos tercetos do soneto "Eu" a insignificância e a invisibilidade do eu- lírico continua a se mostrar. No primeiro terceto, o eu- lírico introduz-se com o pronome demonstrativo aquela, o que ainda intensifica a impressão do próprio desconhecimento. Procurando ainda se conhecer, o Eu apresenta-se no segundo terceto como a visão que Alguém sonhou; o eu-lírico continua a viver entre a realidade e o sonho. É somente uma visão, nada mais, e não foi encontrada.

O Alguém mencionado seria o olhar que proporcionaria ao eu-lírico a identidade, a completude que tanto almeja.

No livro "Charneca em Flor" o poema "Eu" mostra a realização amorosa como meio de se conhecer. O amor é prioridade, mas o eu-lírico assume seu papel de agente na procura. Ela não só aguarda o encontro do amado, mas quer ser o sujeito de seu desejo. Há uma leve dor na busca, na autoafirmação, mas nota-se a ânsia de viver mais forte.

Eu

Até agora eu não me conhecia.
Julgava que era Eu e eu não era
Aquele que em meus versos descrevera
Tão clara como a fonte e como o dia.

Mas que eu não era Eu não o sabia
E, mesmo que soubesse, o não dissera...
Olhos fitos em rútila quimera
Andava atrás de mim... e não me via!

Andava a procurar-me - pobre louca!-
E achei o meu olhar no teu olhar,
E a minha boca sobre a tua boca!

E esta ânsia de viver, que nada acalma,
É a chama da tua alma a esbrasear
As apagadas cinzas da minha alma!

ESPANCA, Florbela. **Charneca em Flor, 1931.**

De acordo com Dal Farra (1995, p. 117), a mulher representada no poema mostra-se segura e consciente do que quer:

Há uma afirmação de identidade, construída a partir de seus próprios referenciais. O soneto retrata o olhar do eu-lírico sobre si mesmo, sem estar sufocada por estereótipos. Mostra traços que tanto escandalizavam a sociedade portuguesa da época.

Observa-se que Florbela tem um rompante de autoafirmação no poema "Eu" do livro Charneca em Flor e que essa mudança de humor, de personalidade, de atitudes era características da poetisa.

Mas que eu não era Eu não o sabia
 E, mesmo que soubesse, o não dissera...
 Olhos fitos em rútila quimera
 Andava atrás de mim...e não me via!

Nessa estrofe, Florbela utiliza o pronome em letra maiúscula, como se essa descoberta de seu íntimo fosse algo estranho e, admite que se conhecesse (a si mesma), não diria.

Nas duas últimas estrofes do soneto, nota-se uma segurança do eu-lírico, que faz suas próprias escolhas e consegue se encontrar no ser amado.

Andava a procurar-me - pobre louca!-
 E achei o meu olhar no teu olhar,
 E a minha boca sobre a tua boca!

E esta ânsia de viver, que nada acalma,
 É a chama da tua alma a esbrasear
 As apagadas cinzas da minha alma!

Dal Farra (1995, p.117) comenta que

Ainda que a paixão desmedida do eu-lírico pareça enfatizar a dependência amorosa, tem-se aqui uma mulher que assume seu desejo, desafiando as próprias convenções do amor romântico. As referências ao jogo amoroso mostram-na como sedutora em vez de seduzida:

Neste trabalho de pesquisa, além da dor, da loucura, da neurose que abatia Florbela e que aparecem em sua obra, estudou-se também o sentimento de incompreensão, de perdição, de ausência de si mesma.

Florbela deseja se encontrar, se conhecer, se completar através do amor, mesmo que isso implique em dores e dissabores.

Os esforços de Florbela para encontrar a plenitude serão estudados na seção a seguir.

4.2. Sou aquela que passa e ninguém vê.

Como visto nas seções anteriores, há na obra de Florbela a presença da busca por completude no amor. Barros (2014, p.44) cita que

O amor é uma invenção humana que busca fazer suplência à falta estrutural do sujeito, mas fracassa em sua função de velar a falta. Parece-me ser essa busca permanente que Florbela apresenta no viés amoroso de sua obra, porém todo o seu empenho se mostra precário para fazer frente ao real da falta.

Complementando o que foi citado, Lacan (apud Barros, 2014, p.44), tece comentário acerca da mulher que ama, fator que impedia o sucesso da busca de Florbela:

As mulheres, quando amam, são loucas, mas não de todo, bem como não têm limites sempre que resolvem fazer concessões ao ser amado. O amor cobra reciprocidade.

Observa-se que Florbela procurava o amor para compensar a ausência de si mesma, mas não era compreendida. Ela busca algo que complete sua alma irrequieta, suplica um reconhecimento.

Santos (2017, p.39) cita:

Seus investimentos amorosos, tentativas de encontro de amor, sempre encontram o limite, onde não conseguem inscrever-se: o vazio do amor. A falta. O que é visto como um temperamento ousado e desmedido, em Florbela é pura angústia de desconexão, de falta viva a doer. A pecha de devoradora de homens, de devassa e imoral não dá conta de compreender o gozo vivido por ela, em sua demanda de amor. Seu investimento é todo, tentativa de fazer surgir algum sentido. É pura dor. Pura pulsão de morte.

Nota-se isso em seu poema "Diz-me, Amor, como te sou querida"

Diz-me, Amor, como te sou querida.

Dize-me, amor, como te sou querida,
Conta-me a glória do teu sonho eleito,
Aninha-me a sorrir junto ao teu peito,
Arranca-me dos pântanos da vida.

Embragada numa estranha lida,
Trago nas mãos o coração desfeito,
Mostra-me a luz, ensina-me o preceito
Que me salve e levante redimida!

Nesta negra cisterna em que me afundo,
Sem quimeras, sem crenças, sem ternura,
Agonia sem fé dum moribundo,

Grito o teu nome numa sede estranha,
Como se fosse, amor, toda a frescura
Das cristalinas águas da montanha!
Ela precisa de reconhecimento

ESPANCA, Florbela. **A mensageira das violetas**. 1999.

Observa-se nesse poema um viés do erotismo, a necessidade de se completar devido a um sentimento de desamparo.

Freud (1972, p.193), quando tratadas experiências de satisfação em sua obra, afirma:

O desamparo inicial dos seres humanos é a fonte primordial de todos os motivos morais. A causa do desamparo original é endógena, devido à necessidade do ser humano de um Outro que busque aliviar a tensão

proveniente do próprio organismo i através da satisfação parcial de suas necessidades. A via de satisfação, portanto, é obtida com a ajuda de uma outra pessoa. Essa via secundária irá permitir o estabelecimento da comunicação e, assim, a experiência do desamparo criará, a posteriori, motivações morais nas relações do ser humano.

Espanca utiliza-se de um jogo de palavras para demonstrar seu desejo de completude. Há no poema dois tempos: o de dor e escuridão e o de amor e claridade. A poetisa menciona ainda que sua vida é como um pântano e o amado que ela busca pode levá-la à felicidade ãa sorrir junto ao teu peitoò Seu coração desfeito pode ser acalentado pelo Outro. De acordo com o citado por Freud (1972, p. 193), o amado ou a representação do Amor para Florbela, é quem carrega consigo a alegria, a felicidade esperada; ele precisa dizer àqueridaò é ele quem tem o poder de inundá-la com ãas águas cristalinas da montanhaò

Esse preenchimento da falta é uma das temáticas dos poemas de Florbela. Ainda nesta seção, estuda-se a não completude ocasionada pelo desencontro.

O desencontro é um traço típico das paixões, acarretado por enganos, por uma ânsia desesperada. Florbela trilhou esse caminho de busca, sempre tentando, como pode-se observar no poema O meu impossível.

O meu impossível
Minh'alma ardente é uma fogueira acesa,
É um brasido enorme a crepitar!
Ânsia de procurar sem encontrar
A chama onde queimar uma incerteza!

Tudo é vago e incompleto! E o que mais pesa
É nada ser perfeito. É deslumbrar
A noite tormentosa até cegar,
E tudo ser em vão! Deus, que tristeza!...

Aos meus irmãos na dor já disse tudo
E não me compreenderam!... Vão e mudo
Foi tudo o que entendi e o que pressinto...

Mas se eu pudesse a mágoa que em mim chora
Contar, não a chorava como agora,
Irmãos, não a sentia como a sinto!..

ESPANCA, Florbela. **Livro de Mágoas**. 1919.

Durante sua curta vida, Florbela tentou superar o sofrimento, sair da excessiva dor que a afligia e que não lhe deu a chance de sucesso. Na segunda estrofe do poema ãO impossívelò observa-se que o eu-lírico considera sua vida um vazio, uma vida imperfeita, suas tentativas de encontrar-se foi em vão, o que não lhe afasta a dor.

De acordo com Lacan (1953, p. 50), à luz da psicanálise, a completude é da ordem do Impossível, uma vez que pensa o sujeito tendo como base a falta e o conflito. O desamparo é uma experiência fundamental da condição humana.

Considerando o citado por Lacan (apud Barros, 2014, p. 87), a poesia de Florbela faz suporte a esse vazio que lhe é próprio. No poema "O Impossível" e em outros, Espanca mostra o sentimento de vazio e uma certa hostilidade em relação ao mundo, que ela considera *contra* ela e seus sonhos. Ela se mostra sempre com mágoas e incompreendida.

Uma outra vertente da temática Dor aparecem nos poemas "A minha Dor" e "Sem remédio" em que a poetisa demonstra sua loucura, sua solidão, sua eterna melancolia, e resume o vazio que há em seu ser, a dor que ela considera às vezes como uma proteção, outras vezes um mal sem cura. Como exemplo, tem-se excertos desses poemas:

A Minha Dor

A minha Dor é um convento ideal
Cheio de claustros, sombras, arcarias,
Aonde a pedra em convulsões sombrias
Tem linhas dum requinte escultural.

(...)

A minha Dor é um convento. Há lírios
Dum roxo macerado de martírios,
Tão belos como nunca os viu alguém!

Nesse triste convento aonde eu moro,
Noites e dias rezo e grito e choro,
E ninguém ouve ... ninguém vê ... ninguém ...

ESPANCA, Florbela. **Livro de Mágoas**. 1919

Sem Remédio

Aqueles que me têm muito amor
Não sabem o que sinto e o que sou
Não sabem que passou, um dia, a Dor
À minha porta e, nesse dia, entrou.

(...)

Sinto os passos da Dor, essa cadência
Que é já tortura infinda, que é demência!
Que é já vontade doida de gritar!

E é sempre a mesma mágoa, o mesmo tédio,
A mesma angústia funda, sem remédio,
Andando atrás de mim, sem me largar!

ESPANCA, Florbela. **Livro de mágoas**, 1919.

O tema da dor é recorrente na poesia de Florbela Espanca. Ora ela fala da sua tristeza; ora da saudade ou de uma mágoa. Lamenta com frequência a sua vida e fala da nostalgia de outra vida. Existe algo nessas poesias sobre a dor que chamam a atenção.

Em *A Minha Dor* ela é bela e a dor está ligada à força. Pode-se constatar isso nos versos *“Vivo sozinha em meu castelo: a Dor! A minha Dor é um convento ideal, Cheio de claustros, sombras, arcarias”*

A dor surge associada a um castelo, a uma fortificação, a uma construção capaz de proteger. No outro verso, remete a um convento repleto de claustros e arcarias, logo, a uma construção bela e forte.

De acordo com Dal Farra (1996, p.52), há na poesia de Florbela um comprazimento voluptuoso na dor, há nela uma estranha beleza, um insólito brilho e uma bizarra cor, uma ambiência mística, hierática, convulsiva, sofisticada, misteriosa

No soneto *A Minha Dor* a fortificação é descrita por formas labirínticas (claustros, sombras, arcarias).

Massaud Moisés (apud Gaivara, 2007, p.72) cita:

“mergulho na própria alma realizado pelo homem romântico à procura de desvendá-la, acabou se tornando um motivo de desespero, pois imerso no caos interior, o romântico acaba por sentir melancolia e tristeza que, cultivadas ou meramente nascidas e continuadas durante a introversão, o levam ao tédio, ao ómal-do-século”

No poema *Sem remédio* soneto no qual a autodescrição vem assinalada por uma imagem de eterna doença, instigada já no título e que culmina em *tortura* e *demência* os termos *cadência*, *tortura*, *demência*, *vontade doida de gritar* demonstram que a tristeza vai aumentando.

No livro *Charneca em Flor* Espanca procura expressar a superioridade da figura da mulher-poeta. Ela se coloca como um ser que tem fome e sede de infinito capaz, inclusive de mostrar a todos quem é seu amado.

Mesmo com sua habilidade de lidar com as palavras, Florbela não consegue preencher o vazio de sua vida. Não foi feliz na infância, não foi feliz na adolescência e não se encontra nos casamentos.

Seguindo linhas de psicanálise na busca por explicações acerca de sentimentos expostos na obra de Florbela Espanca, tem-se um comentário de Freud em seu texto *Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen* Seria a escrita viva e

intensa de Florbela uma maneira de transformar sua realidade penosa? Teriam a incompreensão, a perdição e a ausência de si mesma sido utilizadas para diminuir seu sofrimento através da escrita? Freud (1907, p. 18) coloca:

E os escritores criativos são aliados muito valiosos, cujo testemunho deve ser levado em alta conta, pois costumam conhecer toda uma vasta gama de coisas entre o céu e a terra com as quais a nossa filosofia ainda não nos deixou sonhar. Estão bem adiante de nós, gente comum, no conhecimento da mente, já que se nutrem em fontes que ainda não tornamos acessíveis à ciência.

Florbela demonstra esse modo de usar as palavras para evitar sofrer mais. Sua obra é intimista, é como uma busca do ãeuò um mergulho em busca de uma descoberta de si mesma, demonstrado muitas vezes através de paradoxos. Ela faz uso de sua habilidade literária para se encontrar; a escrita é sua companheira.

Após a leitura dos poemas de Florbela, acredita-se que a escrita foi uma saída que ela encontrou para não se deixar consumir pela dor.

Em seus escritos, (Espanca,1986,p.169) deixava claro conhecer que era predestinada a ser poeta:

ãEu não sou em muitas coisas nada mulher; pouco de feminino tenho em quase todas as distrações da minha vida. Todas as ninharias pueris em que as mulheres se comprazem, toda a fina gentileza duns trabalhos de seda e oiro, as rendas, os bordados, a pintura tudo isso que eu admiro e adoro em todas as mãos de mulher, não se dão bem nas minhas, apenas talhadas para folhear livros que são verdadeiramente os meus mais queridos amigos e os meus inseparáveis companheiros. (ESPANCA, 1986a, p. 169).

Mas, seu ofício era, também, uma maneira de escapar, de fugir de seus problemas existenciais.

Em uma de suas inúmeras cartas, em 1930, Florbela escreveu:

ãEu sou apenas poetisa: poetisa nos versos e miseravelmente na vida, por mal dos meus pecados. Não sei fazer mais nada a não ser versos; pensar em verso e sentir em verso. Predestinações...ò

Como exemplo, tem-se o poema ãSer poetaò

Ser Poeta

Ser poeta é ser mais alto, é ser maior
Do que os homens! Morder como quem beija!
É ser mendigo e dar como quem seja
Rei do Reino de Aquém e de Além Dor!

É ter de mil desejos o esplendor
E não saber sequer que se deseja!
E ter cá dentro um astro que flameja,

É ter garras e asas de condor!

É ter fome, é ter sede de Infinito!
Por elmo, as manhãs de oiro e cetimé
É condensar o mundo num só grito!

E é amar-te, assim, perdidamenteé
É seres alma e sangue e vida em mim
E dizê-lo cantando a toda a gente!

ESPANCA, Florbela. **Charneca em Flor**, 1931.

Nesse poema, nota-se um dos aspectos relacionados à metapoesia em Florbela Espanca. Esse soneto do livro *Charneca em Flor*, apresenta a preocupação do eu-lírico quanto ao sentido de sua existência.

No primeiro quarteto, observa-se que o eu-lírico sente-se superior ao resto do mundo pelo fato de ser poeta. O poeta é capaz de transformar: *morde como quem beija*. Como mendigo, ele pode dar o que seria dado apenas por um rei, o seu reino. Sendo poeta, o reino é a imaginação, a criação.

Ainda no poema, o eu-lírico é um astro que flameja, tem uma transcendência, não é um simples mortal.

Aparece, ainda, a imagem do condor, a ave que voa alto, mas solitária.

No poema, observa-se que o poeta tem fome e sede de infinito, procura alcançar a plenitude, mas está sempre em batalha, a escrita.

O eu-lírico do poema demonstra representar a união do espírito e do corpo: *É seres alma e sangue e vida em mim*. Ser poeta é ter a totalidade existencial.

Mas, para ele, não é suficiente saber que é a síntese de tudo; deve transformar isso em poesia: *É dizê-lo cantando a toda a gente!*

É recorrente também, nos poemas de Florbela, o sentimento expresso no verso: *É é amar-te, assim, perdidamente*.

De acordo com Dal Farra (2002b, p.12), a Florbela-poeta exhibe

As múltiplas faces assumidas pelo sujeito poético, que parecem comprovar a hipótese de uma personalidade capaz de desdobrar-se ao infinito, como uma dramaturga de si mesma, ou, mais que isso, como um drama cujo palco é a própria mente.

Florbela Espanca procurou, em seu fazer poético, unir a vida e a poesia, numa incessante busca da plenitude artística, mesmo não sendo reconhecida.

Através da leitura da obra de Florbela, fica explícito que, para se ser um poeta, é preciso experimentar sentimentos intensos, como a paixão e a relação do

poeta com a melancolia e a angústia, já que Florbela-poeta vive em sua torre, perto do Céu.

Desilusão, dores, angústias, desejos do infinito, neurose e outros males são características presentes na obra de Florbela Espanca.

Santos (2007, p. 15) cita em seu trabalho, que Florbela reclamava para sua amiga Aurélia, (ex-aluna e escritora da obra Florbela Espanca e sua obra, 1946):

Estou cansada, cada vez mais insatisfeita comigo mesma, com a vida e com os outros. Diz-me, por que não nasci igual aos outros, sem dúvidas, sem desejos de impossível? E é isto que me traz sempre desvairada, incompatível com a vida que toda a gente vive.

Mas, Florbela convivia com sua depressão, que ela chamava ãnervosò e entregava-se às musas, à sede de escrever e sua alma confusa sobreviveu.

Florbela escreveu bilhetes, cartas, postais e seus livros de poemas, em um tom às vezes poético e lírico, outras vezes místico, melancólico.

Santos (2007, p.29) comenta em seus estudos das cartas de Florbela que seu ideal de livro era ãum grito de amorò

Este trabalho de pesquisa objetiva demonstrar que, não obstante ser uma poetisa incompreendida, não reconhecida em sua época, decepcionada pelo casamento, procurou o amor durante sua curta vida e, à sua maneira, amou, inclusive amou a falta de amor, amou mesmo além da dor.

A seção que se segue demonstra as vertentes do Amor que a poetisa cantou em suas obras.

4.3. ãEu bem sei que para viver são precisos amoresò

Observando-se o verso citado no subtítulo, do poema ãAmor que morreuò pode-se compará-lo a outros poemas e imaginar que Florbela era vulnerável na sua dor de existir, como explica Lacan (apud Barros, 2014, p. 46), tinha a compreensão de que sofria, mas buscava sempre a felicidade; queria sempre se encontrar no amor. O poema abaixo nos mostra:

Amor que morre

O nosso amor morreu... Quem o diria!
Quem o pensara mesmo ao ver-me tonta.
Ceguinha de te ver, sem ver a conta
Do tempo que passava, que fugia!

Bem estava a sentir que ele morria...

E outro clarão, ao longe, já desponta!
Um engano que morre... e logo aponta
A luz doutra miragem fugidia...

Eu bem sei, meu Amor, que pra viver
São precisos amores, pra morrer
E são precisos sonhos pra partir.

Eu bem sei, meu Amor, que era preciso
Fazer do amor que parte o claro riso
Doutro amor impossível que há de vir!

ESPANCA, Florbela. **Livro de Sórora Saudade**. 1923.

Florbela aceitava as idas e vindas do amor, como se nota no verso: *Fazer do amor que parte o claro riso doutro amor impossível que há de vir!*

Dores, melancolia, loucura, desassossego, mas sempre à procura, à espera.

Pela leitura dos livros de poemas selecionados, observa-se que Florbela demonstrou variações no ato de amar: ora saudosista, ora narcisista, ora erótica. Ainda, às vezes, Florbela refere-se ao ato de amar como um ato que não necessita de complemento ou reciprocidade.

Freud (1972), em *Grávida de Jensen*, coloca que perdas dolorosas ocasionam um distanciamento do mundo exterior, uma diminuição da autoestima. Em Florbela, há a perda de um objeto amado, Apeles, que morreu jovem, e a perda de um objeto que não morreu, mas foi perdido.

Analisando-se a primeira variação do amor em Florbela, tem-se como exemplo o poema *Saudades*, que é parte do *Livro de Sórora Saudade* e apresenta características saudosistas:

Saudades

Saudades! Sim... talvez... e porque não?...
Se o nosso sonho foi tão alto e forte
Que bem pensara vê-lo até à morte
Deslumbrar-me de luz o coração!

Esquecer! Para quê?... Ah! Como é vão!
Que tudo isso, Amor, nos não importe
Se ele deixou beleza que conforte
Deve-nos ser sagrado como o pão!

Quantas vezes, Amor, já te esqueci,
Para mais doidamente me lembrar,
Mais doidamente me lembrar de ti!

E quem dera que fosse sempre assim:
Quanto menos quisesse recordar
Mais a saudade andasse presa a mim!

ESPANCA, Florbela. **Livro de Sórora Saudade**, 1923.

Shabbo (2013, p.2) cita:

Na poesia saudosista de Florbela vê-se que ela oscila entre a presença e a ausência, a alegria no passado e a tristeza no presente. Saudosismo é, na verdade, o gosto exagerado pelo passado, o amor resultante do apego ao passado.

A temática saudade aparece quando a poetisa descreve o amor que não consegue esquecer e ainda está presente em sua vida através de recordações. Na primeira estrofe, este amor aparece como um sonho do passado: *Se o nosso sonho foi tão alto e forte*

Há ainda outro poema, onde o amor saudosista aparece:

Vinde beijar-me a boca, ungir-me de saudade
Ó sonhos cor de sol da minha mocidade

De acordo com Oliveira (1987, p.55), a saudade oscila entre a nostalgia e às vezes um traço da alma nacional, um sentimento amoroso.

Essa palavra tão doce
De tanta suavidade
Que me faz chorar de dor
Quando a murmuro: saudade.

E a alma nacional é apresentada em um outro poema, saudosista e nostálgico. Florbela segue também seus traços de dramaticidade.

És filha dileta de nossa alma
Da nossa alma de sonho e de tristeza
Andas de roxo, sempre calma,
Doce filha da gente portuguesa!

Em toda a terra do meu Portugal
Te sinto e vejo, toda suavidade
Como nas folhas tristes dum missal
Se sente Deus! E tu és Deus, saudade!

(...)

ESPANCA, Florbela. **Livro de Sóror Saudade**. 1923.

Para Florbela, a terra natal desperta um sentimento nobre. No soneto Saudade a poetisa expõe a alma e a nacionalidade portuguesas. A tristeza e o sonho personificados no soneto vestem-se de roxo, cor simbólica do luto e do pesar. Essas ideias se apresentam na estrofe do primeiro quarteto:

És a filha dileta de nossa alma
Da nossa alma de sonho e de tristeza
Andas de roxo sempre, sempre calma
Doce filha da gente portuguesa!

O saudosismo presente no decorrer de todo o texto configura-se nas rimas: alma /calma; tristeza / portuguesa, seguindo a mesma linha na segunda estrofe: Portugal / missal; suavidade / saudade.

A palavra saudade, ao longo da história de Portugal, tem sido tema da poesia e da música popular, o fado. Na segunda estrofe, essa ideia é retratada de forma magistral:

Em toda a terra do meu Portugal
Te sinto e vejo, toda suavidade
Como nas folhas tristes dum missal
Se sente Deus! E tu és Deus, saudade!

Consoante Bessa-Luís (1979, p.17),

“O plano das sensações, Florbela é uma extrovertida. O seu ideal é a realidade. O seu amor baseia-se na atração do objeto no sentido sensorial; não se trata de uma sensibilidade primária, mas de uma sensualidade estética que pode atingir abstração. A descrição de Portugal sugere uma tristeza que se vislumbra na metáfora de que esse espaço seria como as tristes páginas de um missal.

Naquele chão, expressa o eu-lírico, sente-se a presença de Deus que também se transforma em saudade. A dor do eu-lírico é transmitida aos leitores dos poemas de Espanca, pois a saudade da terra natal é sentimento universal.

Além do amor saudosista, Florbela demonstra o narcisismo em alguns poemas, talvez para minimizar seu desalento, ou, como Freud coloca, transferir a falta do amado. Ao amigo Guido Batelli escreveu: *Sou pagã e anarquista, como não poderia deixar de ser uma pantera que se preza.*

E, em um êxtase narcisista, a poetisa se mostra:

Princesa encantadora da quimera
Meus olhos têm tom de pedra rara
Os meus gestos são ondas de Sorrento...
Trago no nome a letra duma flor...
Foi dos meus olhos garços que um pintor
Tirou a luz para pintar o vento...

ESPANCA, Florbela. **Livro de Mágoas**. 1919

Ainda, em outro poema, observa-se a demonstração do narcisismo presente em poemas de Florbela. O poema “Passeio no campo” do livro “Charneca em Flor” contém traços intimistas, ora narcisistas, ora eróticos.

Passeio no campo

Meu Amor! meu Amante! Meu amigo!
Colhe a hora que passa, hora divina,
Bebe-a dentro de mim, bebe-a comigo!
Sinto-me alegre e forte! Sou menina!

Eu tenho, Amor, a cinta esbelta e fina...
 Pele doirada de alabastro antigo...
 Frágeis mãos de madona florentina...
 Vamos correr e rir por entre o trigo! ã

Há rendas de gramíneas pelos montes...
 Papoilas rubras nos trigais maduros...
 Água azulada a cintilar nas fontes...

E à volta, Amor... tornemos, nas alfombras
 Dos caminhos selvagens e escuros,
 Num astro só as nossas duas sombras!

ESPANCA, Florbela. **Charneca em Flor**. 1931.

No poema, o narcisismo manifesta-se através do retratos que Florbela faz de si mesma. Ela quer se ofertar ao ser amado e chamá-lo para o amor, atitude considerada imprópria para a mulher da época. Para isso, Florbela mostra sua feminilidade em meio a natureza e se utiliza das formas com que as moças das cantigas medievais chamavam os namorados: *Meu Amor! Meu Amante! Meu Amigo!*

O segundo quarteto expõe os traços narcisistas do eu-lírico. Ela se apresenta como objeto de desejo, valorizando seus atrativos.

Eu tenho, Amor, a cinta esbelta e fina...
 Pele doirada de alabastro antigo...
 Frágeis mãos de madona florentina...
 -Vamos correr e rir por entre o trigo! ã

Freud explica, ainda, que a pessoa melancólica pela perda, pode desenvolver, em determinados momentos, a suspensão dessa melancolia, substituindo-a pela mania do narcisismo.

De acordo com Santos (2017, p.11):

Freud define o narcisismo como uma forma particular de relação como libido. O narcisismo, afirma Freud, faz parte da construção da imagem completa do eu. Para a construção do eu de Florbela é preciso do contato com o outro, ou seja, ela precisa sentir-se desejada pelo outro. Então, para Freud, as mulheres narcisistas não conseguem amar alguém outro que pertence ao mundo real, preferem amar a ilusão, os seus sonhos, a perfeição criada pela sua imaginação.

Florbela está sempre à procura da perfeição, do ideal que nunca conseguirá encontrar num homem e então está à procura do ideal em si mesma que, também, nunca encontrou.

E, como foi colocado no tema desse trabalho de pesquisa, Florbela amou além da dor. Ela demonstra toda a sua ânsia de amar em seus poemas. Sobre isso, Oliveira (apud Hunhoff, 2008, p.45) cita:

Florbela sofre porque a sociedade não lhe compreende o conflito íntimo e a recrimina por querer a realização de um amor que consideram imoral; sofre a ausência do Outro, para satisfazer-lhe a ânsia dum amor mais forte que a vontade e as convenções burguesas.

Como exemplo dessa inquietação, angústia, tem-se o poema Amar.

Barros (2014, p.35) expõe que Florbela Espanca busca obstinada e sucessivamente o amor em seus escritos. E, também, anseia ser muito mais do que um objeto causa do desejo, mas sim, ser o objeto a ser desejado, como aquela que completa e se completa com o amado. Assim, compareceu a agonia de não ser reconhecida pelo outro e da falta de amor que ela tanto almejava.

Para que a poetisa chegasse a sentir-se completa, seria necessário o reconhecimento do outro, a confirmação do outro para que ela pudesse sentir-se mulher.

Amar

Eu quero amar, amar perdidamente!
Amar só por amar: Aqui... além...
Mais Este e Aquele, o Outro e toda a gente...
Amar! Amar! E não amar ninguém!

Recordar? Esquecer? Indiferente!...
Prender ou desprender? É mal? É bem?
Quem disser que se pode amar alguém
Durante a vida inteira é porque mente!

Há uma Primavera em cada vida:
É preciso cantá-la assim florida,
Pois se Deus nos deu voz, foi pra cantar!

E se um dia hei de ser pó, cinza e nada
Que seja a minha noite uma alvorada,
Que me saiba perder... pra me encontrar...

ESPANCA, Florbela. **Charneca em Flor**. 1931

O amor é uma temática constante na obra de Florbela e, como nos apresenta Dal Farra (2014, p.33), o modo com que o sujeito ama tem a ver com sua história singular. Ela cita, ainda:

O amor é mistério, enigma e objeto de fascínio e inquietação amplamente debatido. Sabe-se que é impossível chegar a uma fórmula que o defina. Ele não é perpassado pela razão. Inúmeros poetas têm buscado significações acerca dessa temática. Para Freud, o amor é indubitavelmente uma das principais coisas da vida.

Florbela, em seu poema "Amar" um dos mais conhecidos de sua obra, com lirismo de forma acentuada, demonstra que a poetisa não se prendeu à razão, como diz Dal Farra. Ela busca obstinadamente o amor em seus escritos. Anseia ser mais

que um objeto de desejo; quer ser aquela que completa e se completa com o amado.

Ela mostra em *Amor* um clamor obsessivo: a palavra *Amar* é repetida 7 vezes somente no primeiro quarteto do soneto. É como se gritasse ao mundo o seu desejo.

Florbela ama perdidamente, e essa paixão não tem limites, ela quer sempre mais. Ela não espera um amado definido: *Amor só por amar: Aqui... além...*

Mais Este e Aquele, o Outro e toda a gente...o

Observa-se que não é um amor submisso, é um amor ansioso. Deseja espalhar esse amor a Este, Aquele, o Outro...ir Além até se perder e Amar, Amar e não amar ninguém.

Para Florbela, a vida (a primavera) só vale a pena através do transcendental, pois assim, a vida terá outro significado e vencerá a morte: *E se um dia hei de ser pó, cinza e nada/Que seja a minha noite uma alvorada/Que me saiba perder... pra me encontrar...o*

Pode-se dizer que o poema *Amor* é um canto de entrega. É, também, um exemplo que Florbela expressa de que se pode amar simplesmente, sem reciprocidade.

Dal Farra, 1996, pp.35,36) cita a respeito do amor na obra de Espanca:

(...) a vontade de amor a encaminha para um processo conturbado de autoconhecimento. Uma expressiva porção de sua poesia é atravessada por pungentes apelos para que lhe respondam *quem sou eu?* ao mesmo tempo em que se representa como reflexo, sombra, prolongamento, como sonho de um Alguém, que tem o poder de metamorfoseá-la.

Florbela Espanca, apesar da tristeza que a acompanhava, também mostrou em sua obra o seu lado erótico. Massaud Moisés (1990, p.257) escreveu sobre isso:

Erotismo e dor assumem na poética de Florbela Espanca o caráter de estratégia de sedução e sua poesia oscila entre um polo e outro com o intento de servir como um ímã para o ser que pretende seduzir e, dessa forma, guiar ao seu encontro. Ao despir-se do que se poderia chamar de certa inocência pueril notada nas suas produções iniciais – como o Livro de Mágoas (1919), por exemplo –, Florbela confere às suas poesias um tom mais erótico, fazendo uso de uma linguagem levemente despudorada, *sem pejo* ou preconceito de qualquer ordem põe-se a confessar abertamente suas íntimas comoções de mulher apaixonada

E tem-se, em alguns poemas, a Florbela erótica, com volúpia e paixão. Isso é visível em seus poemas:

Frémido do Meu Corpo a Procurar-te

Frémido do meu corpo a procurar-te,
Febre das minhas mãos na tua pele
Que cheira a âmbar, a baunilha e a mel,
Doído anseio dos meus braços a abraçar-te,

Olhos buscando os teus por toda a parte,
Sede de beijos, amargor de fel,
Estonteante fome, áspera e cruel,
Que nada existe que a mitigue e a farte!

E vejo-te tão longe! Sinto tua alma
Junto da minha, uma lagoa calma,
A dizer-me, a cantar que não me amas...

E o meu coração que tu não sentes,
Vai boiando ao acaso das correntes,
Esquife negro sobre um mar de chamas...

ESPANCA, Florbela. **Charneca em Flor**, 1931.

Assim como no poema "Frémido do meu corpo a procurar-te" Florbela é a explosão do amor em seu soneto Volúpia. A presença do Outro aparece na linguagem poética utilizada por ela.

Volúpia

No divino impudor da mocidade,
Nesse êxtase pagão que vence a sorte,
Num frêmito vibrante de ansiedade,
Dou-te o meu corpo prometido à morte!

A sombra entre a mentira e a verdade...
A nuvem que arrastou o vento norte...
- Meu corpo! Trago nele um vinho forte:
Meus beijos de volúpia e de maldade!

Trago dalias vermelhas no regaço...
São os dedos do sol quando te abraço,
Cravados no teu peito como lanças!

E do meu corpo os leves arabescos
Vão-te envolvendo em círculos dantescos
Felinamente, em voluptuosas danças...

ESPANCA, Florbela. **Charneca em Flor**. 1931

Florbela demonstra nos poemas eróticos uma ânsia pelo ser amado que se perdeu ou que ela nunca teve. Ela mostra sua sedução para atrair o outro.

No poema "Volúpia" o eu- lírico convida o outro a entrar em um mundo de erotismo e prazer; promete uma experiência intensa (vinho, sol).

Nota-se que o eu-lírico procura envolver o seu objeto de desejo, usando uma linguagem que atrai. Ao mesmo tempo que oferece uma aventura de liberdade e prazer, oferece também conforto e segurança: *“Trago dalias vermelhas no regaço...ò*

Como sedutor, o eu-lírico cria uma fantasia para que o outro se aproxime: Os *“beijos de volúpia e de maldadeò*

O erotismo aparece, também, quando o envolvimento do Outro se dá *“felinamenteò* Como em outros poemas, Florbela é sinestésica. Ela expressa sensações, não só usa palavras.

No poema acima, ela faz uso de contrastes como *“mocidadeèe “morteò*

Ela utiliza, como em signos de *“mocidadeèe “morteò* na poesia em questão. O primeiro remete à vida, ao prazer; já o segundo termo mostra algo obscuro. Tem-se, ainda, os termos, como início e fim de uma relação amorosa.

Florbela coloca em seus poemas o objeto amado idealizado e, mesmo em seus poemas eróticos, ela se mostra submissa, ela doa, oferta.ò

Dou-te o meu corpo prometido à morte!ò

Freud (1996, p. 23) afirmou a esse respeito:

Essa supervalorização sexual é a origem do estado peculiar de uma pessoa apaixonada, um estado que sugere uma compulsão neurótica, cuja origem, pode, portanto, ser encontrada num empobrecimento do ego em relação à libido em favor do objeto amoroso".

Florbela escreveu sobre o amor saudosista, erótico, narcisista e, pelo que seus poemas mostram, ainda sobre um amor que não esperava retribuição. Ela amava e só. Idolatrava o amado ou amor idealizado e sentia que conseguiria amar, mas sem ser correspondida.

No livro de Sórór Saudade, tem-se o exemplo dessa entrega:

Fanatismo

Minh'alma, de sonhar-te, anda perdida.
Meus olhos andam cegos de te ver.
Não és sequer razão do meu viver
Pois que tu és já toda a minha vida!

Não vejo nada assim enlouquecida...
Passo no mundo, meu Amor, a ler
No mist'rioso livro do teu ser
A mesma história tantas vezes lida!...

"Tudo no mundo é frágil, tudo passa...
Quando me dizem isto, toda a graça
Duma boca divina fala em mim!

E, olhos postos em ti, digo de rastros:
"Ah! podem voar mundos, morrer astros,

Que tu és como Deus: princípio e fim!..."

ESPANCA, Florbela. Livro de Sóror Saudade, 1923.

Nesse poema, um dos mais conhecidos de Florbela Espanca, musicado no Brasil, a poetisa se mostra uma mulher apaixonada, que expõe seu amor com intensidade. Ela utiliza-se de metáforas e hipérboles e procura representar a força de seu amor. O eu-lírico acredita na durabilidade e permanência de seu sentimento e desdenha quem tenta mostrar-lhe que isso não é verdade: "Tudo no mundo é frágil, tudo passa.../Quando me dizem isto, toda a graça/Duma boca divina fala em mim!ò

O título do poema, "Fanatismo" demonstra um sentimento anormal, obsessivo. Essa fixação que a poetisa coloca no poema, dá a ideia do fanatismo: "alma está perdida/Meus olhos andam cegos de ter ver/não vejo nada assim, enlouquecida.ò

O amor é tão incomum e sem medida, irracional, tornando-se uma devoção religiosa, pois ela compara o ser amado a Deus: "Deus, começo e fim" O eu-lírico demonstra um amor tão intenso que o impede de ter lucidez. Sendo assim, ele eleva o objeto amado à condição de Deus, acima das demais pessoas.

No primeiro verso do segundo terceto, nota-se também a submissão: *E, olhos postos em ti, digo de rastros:*

Essa submissão é provocada pela paixão.

Consoante Freud (1996, p. 34), para a pessoa que ama, o que existe é o outro, no qual ele se dilui e se funde. Seu "eu" inexistente, é intocável, inabalável e é totalmente idealizado e o eu-lírico identifica-se com ele.

Em "Fanatismo" Florbela usa figuras de linguagem para mostrar esse estado de alma, essa paixão.

Freud (1996, p. 36) situa a questão da paixão:

como um desinvestimento libidinal narcísico do sujeito em si e um investimento dessa mesma libido, de forma maciça, no outro, ou no objeto amado, elevando-o, assim, ao nível de um ideal. Há, com a idealização, a produção de um fascínio e de uma atratividade irresistível do objeto amado por sobre aquele que ama.

No poema "Fanatismo" esse estado do eu-lírico é demonstrado quando é descrito como "cego" por somente enxergar o ser amado, quando esse ser é colocado como a única razão de seu viver.

Freud (1996, p.37) denomina esse enlouquecimento, no qual tempo e espaço param de ter sentido, de estado de onipotência infantil, uma espécie de regressão. Florbela teve uma infância difícil, triste e solitária, que pode justificar os versos:

"E, olhos postos em ti, digo de rastros:
"Ah! Podem voar mundos, morrer astros",
Que tu és como Deus: Princípio e Fim!..."

Para Freud (1996, p. 37), essa supervalorização tem explicação:

o estar apaixonado é um estado diferente do estar amando: o estar apaixonado inclui fascinação e servidão; no estar amando "o ego enriqueceu-se com as propriedades do objeto, introjetou o objeto em si próprio."; no estar apaixonado, o ego "empobreceu-se, entregou-se ao objeto, substituiu seu constituinte mais importante pelo objeto."

Na poesia de Florbela, essa entrega do eu em relação ao outro e a perda do princípio da realidade que o ideal de ego instaura a partir da censura interna, segundo Freud (1996, p. 40), fica evidenciada na seguinte estrofe:

"Não vejo nada assim enlouquecida...
Passo no mundo, meu Amor, a ler
misterioso livro do teu ser
A mesma história tantas vezes lida!"

O ser apaixonado se vê no outro e sente-se completo a partir do outro.

O poema "Fanatismo" demonstra o desejo constante de Florbela de ter a completude através do amor.

Um dos poemas em que Florbela mais deixa transparecer sua procura pelo amor idealizado é Prince Charmant, que faz parte do Livro de Sóror Saudade.

Prince Charmant

No lânguido esmaecer das amorosas
Tardes que morrem voluptuosamente
Procurei-O no meio de toda a gente.
Procurei-O em horas silenciosas

Das noites da minh'alma tenebrosas!
Boca sangrando beijos, flor que sente...
Olhos postos num sonho, humildemente...
Mãos cheias de violetas e de rosas...

E nunca O encontrei!... Prince Charmant
Como audaz cavaleiro em velhas lendas
Virá, talvez, nas névoas da manhã!

Ah! Toda a nossa vida anda a quimera
Tecendo em frágeis dedos frágeis rendas...
- Nunca se encontra Aquele que se espera!

(ESPANCA, Florbela. **Livro de Sóror Saudade**, 1923)

Florbela existia através da poesia, na impossibilidade de encontrar um amor. Não teve o amor do pai, perdeu a mãe e o irmão, perdeu dois filhos. Só lhe restava idealizar um príncipe encantado que a amasse.

No poema *Prince Charmant*, dedicado a Raul Proença, o eu-lírico se queixa de nunca encontrar o amado por quem vive aguardando. Essa temática do desencontro é persistente na obra da poeta. Ela espera pelo Amado, pelo Outro, pelo Desejado, como ela nomeia a pessoa que irá amá-la. Um príncipe encantado também não é encontrado.

Infelizmente, mais uma vez, o desacerto acontece. Ou o amado não a vê, ou chega antes, ou não se reconhecem. Nunca há o encontro.

A autora Dal Farra, em *Afinado Desconcerto* (2002, pp. 46-47), cita que

Florbela tem uma sensação de encarceramento, relativa ao fato de nos seus poemas sentir-se enfeitiçada na vida, presa de um quebranto, à espera da fada que venha lhe quebrar tal encanto, e cuja versão mais otimista comparece na imagem da Bela Adormecida a ser despertada pelo Prince Charmant.

Através dos versos do poema *Prince Charmant*, nota-se que não existe forma de ser viabilizada a completude do eu-lírico. Há a procura, mas não há a consumação.

Procurei-O no meio de toda a gente.
Procurei-O em horas silenciosas
(...)
E nunca O encontrei!... Prince Charmant
(...)
Nunca se encontra Aquele que se espera!...

Há nesse poema, uma ambivalência. Florbela mostra uma faceta independente mas, por outro lado, identifica-se com o tipo tradicional da mulher da época, à espera de um Príncipe Encantado.

A sinestesia, um recurso simbolista, monta o cenário desse poema: *ardes que morrem voluptuosamente*

A valorização que Florbela dá ao ser amado aparece no pronome grafado em letra maiúscula, outra característica simbolista: *Procurei-O*

A temática da busca constante e da espera pelo amor idealizado aparece em outros sonetos da autora, mas é no livro *Relíquias* que se destaca.

Como refere Maria Lúcia Dal Farra (1996, p. 43)

os passos que Florbela adota na travessia poético-amorosa têm o pendor de questionar os papéis culturais oferecidos à mulher, enquanto regras do pacto social. O modo como a poeta evidencia esta questionação, ergue-se numa engenhosa busca de identidade

O crítico Ricardo Loureiro (apud Barros, 2014, p.29) em 1946, ao enaltecer a poetisa em sua inteligência, harmonia, originalidade e complexidade, ressalta seu grande valor literário e o lugar que ocuparia na literatura portuguesa: Florbela Espanca ficou na história da poesia portuguesa como uma revolução, um caso genial à parte, de imaginação artística servida por um estilo seu, incomparável, de policromias infinitas.

Ferreira (2008, p.5) cita a respeito do amor, e que considera-se pertinente em relação ao que a poetisa Florbela Espanca deixa transparecer em sua obra, a sempre procura pela completude.

(...) fala-se de amor, sofre-se por amor e se retira gozo do sofrer por amor. Da extração de um gozo pela dor de amor, o sujeito se petrifica, cedendo ao gozo e estancando o movimento do desejo, que não é outro, senão que está girando em torno do que ainda falta, do que sempre irá faltar.

A temática do Amor além da Dor proposta para este trabalho de conclusão de curso perpassa por vieses instigantes. A Dor em Florbela é uma síntese do desamparo na infância, da saudade do irmão, Dor causada pela neurose, pela existência sem esperança ou repleta de desencontros, dor da falta, da angústia. O Amor, por sua vez, significa procura, vontade de ser feliz, de ser reconhecida, de se encontrar, Amor doado, Amor sem volta, Amor passageiro e incompleto.

Observou-se esses traços nos poemas e, mesmo nos poemas de Amor, os líricos ou eróticos, há uma melancolia que pode justificar a ideia de que os poetas se inspiram na própria vida ou fogem dela.

Silva (2012, p.36) resume a razão pela qual Florbela desistiu de procurar por si e pelo Amor: *“Florbela morreu porque não soube pôr de acordo o seu corpo, o seu espírito e sua alma”*

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como se observou após estudo da biografia e dos poemas da escritora portuguesa Florbela Espanca, ela teve uma vida extemporânea. Como disse Ramalho Ortigão na obra *“As Farpas”* (1877), a educação das mulheres no final do século XIX estava desviando-as de sua missão: preparar o caldo. E, no início do século XX, Florbela mostra em seus escritos, que sua atitude não era de abnegação,

de submissão, utilizando temas como culinária e religião, como era esperado de uma mulher que se atrevia a escrever.

Conhecedora das dificuldades que enfrentaria na vida a que se dedicaria, foi corajosa, autêntica e controversa.

Sua obra interage com a literatura tradicional, com a literatura popular, com a crítica, mas dialoga também com seu íntimo, suas inquietudes, suas falhas, com seu amado e com a natureza.

Ao longo de seus breves, porém intensos, trinta e seis anos, escreveu poesia, contos, um diário e epístolas, além de ter sido responsável por traduzir vários romances para a língua portuguesa e ter colaborado para revistas e jornais.

Ela cantou a dor, o amor, o erotismo, os problemas espirituais e suas crises de neurastenia, temas considerados ousados para a época, usando uma forma poética rígida, o soneto.

Florbela foi transgressora quando fez presentes em sua obra o corpo, a liberdade, a sensualidade, o pecado, em um tempo no qual as mulheres não tinham direitos sobre seu próprio corpo ou sequer mencionavam sua sexualidade.

Além disso, foi observado que, ao escolher a análise do amor além da dor, lendo os poemas de Florbela, vários pontos de sua trajetória poética são vislumbrados: ela se define, pensa sobre si, busca o autoconhecimento, procura afirmar-se através do olhar do Outro, mostra-se ora pequena e negativa, ora narcisista e orgulhosa. Uma mulher complexa e indefinida.

Florbela procura se impor como sujeito, busca a completude através da religiosidade, do místico, da paixão, da solidão, do ambiente natural e, por vezes, não se sente satisfeita. Através dessa complexidade de sentimentos que a poetisa demonstra, nota-se que há uma ligação entre a psicanálise e a literatura.

A partir do levantamento dos poemas de Florbela, observou-se que os temas privilegiados pela poetisa pertencem todos ao campo sentimental, como confissões de experiências pessoais. Sua família, sua terra natal, seus problemas de saúde, sua vida sentimental conturbada com casamentos desfeitos aparecem em sua obra.

A trajetória de sua vida amargurada, sua grave neurose, associada aos desequilíbrios familiares pelos quais passou (três casamentos, dois abortos e a morte de seu único irmão), refletiram-se na sua obra poética. No Livro de Mágoas, aparece sua personalidade doentia; em Charneca em Flor, sua obra-prima (publicado após sua morte), Florbela coloca em seus versos uma carga romântica,

tendo como ponto principal a busca pelo amado. Nesse livro, ela consegue transmitir as suas vivências, sua trajetória. Nos poemas, pode-se notar sua sensibilidade e sua complexidade e ela retrata, inclusive, a dificuldade em ser poeta na sua terra.

Considera-se que um dos objetivos propostos neste trabalho foi alcançado, quando os poemas que registram as lembranças, as experiências, as buscas, o contentamento, a saudade e todos os percalços para se encontrar no amor vividos por Florbela Espanca foram analisados, considerando ensinamentos de teóricos para o bom entendimento dos mesmos.

O amor confirma-se como o grande tema da poesia de Florbela Espanca. Ela expõe o amor em vertentes diversas e adentra em um território predominantemente masculino e, de forma corajosa, enfrenta a sociedade machista e preconceituosa de Portugal, invertendo a posição feminina consolidada pela tradição literária.

A mulher, que antes era exaltada e venerada à moda do amor cortês nos sonetos, passa a exprimir de modo audacioso seus sentimentos e desejos. Mas, Florbela pagou um alto preço por sua ousadia e, por vezes, irreverência.

Sua poesia caracteriza-se pela recorrência dos temas do sofrimento, da solidão, do desencanto, aliados a uma imensa ternura e a um desejo de felicidade e plenitude que nunca foram alcançados. Buscou o amor para se encontrar, para completar-se e não teve êxito. Utilizou uma linguagem passional, centrada nas suas próprias frustrações e anseios e de um sensualismo muitas vezes erótico.

Sua obra foi marcada pela valorização do amor segundo a dor que deste decorre. Esse paradoxo é o que conduz sua arte. Ela inverte valores e papéis transformando as prerrogativas masculinas em femininas, transforma a inatividade social comum da mulher da época, utiliza a sensualidade e o erotismo em seus poemas como se fossem instrumentos de libertação.

Os poemas analisados demonstram que Florbela sublimou o amor e, consequentemente, o erotismo. Ela amou o amor, amou de uma forma intransitiva, sem reciprocidade, sem a presença física do Outro. Mas, ao mesmo tempo que mostrava que era possível amar sem ser correspondida, encontrar o amor ideal foi, para ela, uma busca constante e sem resultados.

Esses são pontos que foram notados nos poemas estudados, alcançando-se, assim, os objetivos propostos a respeito da procura do amor.

Há em sua obra uma tensão, uma dor que Florbela demonstra decorrer do olhar e das atitudes masculinas, causadoras dos males femininos. Essa dor aparece

no lirismo melancólico de sua produção literária. E, como citou sua biógrafa Bessa-Luís (1979, p.10): “Criatura rara pelo talento, apaixonou-se por ela a fortuna que inveja os que ama e, por isso, os recompensa com adversidades maiores que ao comum dos mortais”

As seções estudadas neste trabalho e que englobam a neurastenia, a dor de existir, a loucura, a volúpia, o erotismo, o desamparo e o amor à pátria foram analisadas para que se alcançasse os objetivos propostos e demonstrar que a trajetória de vida de Florbela pode ter influenciado seu lado poetisa e, que a completude do amor que tanto buscou não passou de um sonho. Com tantas facetas diferentes e complexas, os desencontros eram inevitáveis. A incessante procura sempre decepcionava a autora, que rompeu com as tradições e deixou um legado de mulher lutadora. Mesmo com tantas dores, ela conseguia amar, amar um Outro idealizado, amar a si mesma, amar somente por amar.

O ensinamento que se pode extrair da poesia de Florbela Espanca é que o amor é a força motriz da humanidade. É a causa de sofrimento, de dor, de tristeza, de depressão, mas também pode conduzir à felicidade.

Como poeta, Florbela apresentou seus sonetos repletos de metáforas, sinestesias, sonoridade, com grande força emotiva, mostrando aos leitores a razão pela qual é considerada uma das maiores poetisas portuguesas.

Sugere-se que outros temas extraídos dos poemas de Florbela Espanca sejam estudados, pois há uma riqueza em seus livros, há sentimentos dramáticos, líricos e sensuais que podem ser explorados por alunos de Licenciatura em Letras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Maria Alice. **EROS: um foco de luz na obra poética de Florbela Espanca**. SOLETRAS, Ano II, nº 03. São Gonçalo: UERJ, jan./jun. 2002.

BARROS, Eliana. **Florbela Espanca: laços de amor e dor**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2014.

BESSA-LUÍS, Agustina. **Florbela Espanca**. Lisboa: Guimarães Editores, 1979.

BONFIM, Renata. O devir monstro de uma poética feminina e fragmentada. **Revista Crioula**. São Paulo, nº7, 2010.

CASTRO, Fernanda de. **Ao fim da memória**. Lisboa. Editora Verbo. Recolha e digitalização do texto por Dal Farra, 1989.

CRAVEIRO. Lídia. **Florbela Espanca: Uma vida perdida na neurose**. Universidade de Évora. Lisboa: 2007.

DAL FARRA, Maria Lúcia. **Florbela Espanca**. Rio de Janeiro: Agir. 1996.

_____. **Afinado desconcerto: Florbela Espanca**. São Paulo: Iluminuras, 2002c.

_____. **O amor na poesia de Florbela Espanca**. In: PAIVA, José Rodrigues (org.). Estudos sobre Florbela Espanca. Recife: Associação de Estudos Portugueses Jordão Emerenciano, UFPE, 1995.

ESPANCA, Florbela. **Charneca em flor**. Biblioteca virtual USP. Disponível em <http://www.bibvirt.futuro.usp.br>. Acesso em 30 abr. 2018.

_____. **Livro de mágoas**. Biblioteca Virtual USP. Disponível em <http://www.bibvirt.futuro.usp.br>. Acesso em 30 abr. 2018.

_____. **Sonetos**. Amadora, Portugal: Bertrand, 1978. Livro de Mágoas, de Florbela Espanca.

_____. **A Mensageira das Violetas**. Fonte: antologia. Seleção e edição de Sergio Faraco. Porto Alegre: L&PM, 1999. (Pocket). Texto proveniente de: Biblioteca Virtual

do Estudante de Língua Portuguesa A Escola do Futuro da Universidade de São Paulo

_____. **Livro de Sórora Saudade**. Florbela Espanca, 1923. Biblioteca virtual USP. Disponível em <http://www.bibvirt.futuro.usp.br>. Acesso em 30 abr. 2018.

_____. **Cartas** (1906-1922) Obras Completas, Vol. V, recolha, leitura e notas de Rui Guedes, Lisboa, Publicações D. Quixote. Disponível em <https://1870livros.com/2019/01/19/florbela-espanca-obras-completas-6-2-vols/> Acesso em 30 abr. 2018.

_____. **Reliquiae**: Poesia de Florbela Espanca - Volume 2 - coleção LP&M Pocket, vol 298 - L&PM Editores, 2002.

FRAZÃO, Diva. Florbela Espanca: **e-biografia**. Disponível: https://www.ebiografia.com/Florbela_espanca/ Acesso em 17 de julho de 2018.

FERREIRA, Nadiá. **O amor na literatura e na psicanálise**. Rio de Janeiro: Dialogarts. 2008.

FREUD, Sigmund. **Gradiva de Jensen e outros trabalhos**. Imago Editora: Rio de Janeiro. 1972.

_____. Sobre o narcisismo: **uma introdução**. Edição standard brasileira com comentários e notas de James Strachey. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GIAVARA, Suilei. **A poética do espetáculo: uma análise dos procedimentos dramáticos nos sonetos de Florbela Espanca**. Dissertação (Mestrado em Letras), Unesp. Araraquara. 2007.

HUNHOFF, Elizete Dal Comune. **O tempo: fator de identidade na obra de Florbela Espanca e Cecília Meireles**. Tese (Doutorado em Letras) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo. 2008.

LACAN, Jacques. O seminário, livro 1: **os escritos técnicos de Freud**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009. 2ª ed.

MOISÉS, Massaud. **A Literatura Portuguesa**. 5ª ed. São Paulo: Cultrix, 2008.

_____. **A Literatura Portuguesa através de textos**. 25ª ed. São Paulo: Cultrix, 1999.

_____. **A Literatura Portuguesa**. 25ª ed. rev. e atual. São Paulo: Ed. Cultrix, 1990.

NORONHA, Luzia. Entreretratos de Florbela Espanca: **uma leitura biografemática**. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2001.

OLIVEIRA, Rosalva (1987). Florbela Espanca: **a poetisa de mil amores**. Sitientibus, Feira de Santana, 4:49-67.

SANTOS, Cátia. Melancolia: **a dor de existir! Como se funda a dor de existir? O que pode o analista frente a ela?** Rio de Janeiro, 2017. Monografia. Curso de Psicologia. PUC.

SILVA, Fábio. Florbela Espanca e a construção de um retrato caricatural. **Avanços em Literatura e Cultura Portuguesas**. Século XX. Vol. 3. 1ª ed.: 2012.

SHABO, Andrelize. Florbela Espanca: **uma breve análise de sua obra**. Disponível em <http://andrelizeschabo.com/2013/06/v-behaviorurldefaultvmlo.html>. Acesso em 16 de junho de 2018.